Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Sábado 10.9.2022 / Diário / Ano 158.º / N.º 56 025 / €1,90 / Diretora Rosália Amorim / Diretor adjunto Leonídio Paulo Ferreira / Subdiretora Joana Petiz

Pedro Mota Soares
"Os meus heróis da vida real são Jesus Cristo e todos os que o querem imitar"
PÁG. 18

***Brunch* com... José António Falcão**
"Em Montemor-o-Novo o Terras sem Sombra vai mostrar dois tesouros do país"
PÁGS. 16-17

Fernando Pimenta
"Sem um ouro sou um ser incompleto", diz canoísta do Benfica
PÁGS. 26-27

LIMITES AO PREÇO DO GÁS E AO CONSUMO E TAXA SOLIDÁRIA PARA AS PETROLÍFERAS

MEDIDAS SEM PRECEDENTES Países europeus aceleram planos para poupar energia e constituir reservas de gás para superarem um inverno que se prevê duro e longo. Costa ainda rejeita *windfall tax* e especialistas dizem que Portugal tem margem para suprir eventuais problemas de abastecimento. Mas há riscos: preços poderão obrigar a suspender ou encerrar empresas, avisam. DINHEIRO VIVO

Carlos III
O enigma sobre o futuro da monarquia britânica
PÁGS. 6-9

YUI MOK / POOL / AFP

Manuel Pizarro é novo ministro da Saúde
Trocar Bruxelas pela "tarefa gigantesca" de curar o SNS
PÁG. 10

A ditadura do físico
Dois movimentos pela aceitação do corpo livre de padrões de beleza
PÁGS. 12-13

European Young Leaders
Alterações climáticas exigem união entre EUA e Europa
PÁG. 14

Kevin Watkins, ex-CEO da Save the Children
"As crianças em idade escolar merecem almoços grátis"
PÁG. 15

Omar Samad, antigo embaixador afegão
"A solução para o Afeganistão está em resistir a outra guerra"
PÁGS. 22-23

EDITORIAL

Rosália Amorim
Diretora do Diário de Notícias

A rainha do serviço e devoção ao país e os desafios de Carlos III

Uma perda irreparável. Isabel II deixa um legado único e foi um exemplo inspirador para líderes europeus e mundiais. Acaba uma era para começar uma nova e os britânicos demonstram alguma ansiedade própria de uma mudança, mas a monarquia não parece estar em causa. Isabel II era sinónimo de Reino Unido. Como referiu Liz Truss, nova primeira-ministra britânica, era "uma rocha", sempre firme e segura.
O rei Carlos III é proclamado durante a manhã de hoje. Como irá Carlos inovar dentro do conservadorismo próprio de uma monarquia? Que marca quer ele deixar? Para já, é sabido – e era também vontade de sua mãe – que pretende tornar o núcleo central mais curto, ou seja, a família real tem mais de 50 membros e Carlos gostaria que fosse um grupo mais restrito. Um núcleo duro como aquele que acompanhou a rainha no Jubileu, em que se fez ladear apenas do filho mais velho, da nora e de William e Kate, com os seus filhos. Os outros elementos, mais seniores e mais experientes em conspiração palaciana, poderão não estar na célula num futuro próximo. Até lá, muita tinta correrá na imprensa e muitas cerimónias marcarão a despedida à rainha. Este fim de semana, o corpo chegará ao Palácio de Buckingham e espera-se a presença de meio milhão de pessoas junto ao edifício para homenagear a monarca. 'A ponte de Londres caiu' foi a expressão usada como código secreto antes de ser anunciada a morte da rainha. Caiu e termina a era isabelina, mas a monarquia precisa de seguir em frente, forte e sã, porque dois dos grandes desafios de Carlos III serão manter a coesão do próprio Reino Unido e da Commonwealth.

O mundo homenageou Isabel II
"Os nossos corações estão partidos" são palavras de homenagem que constaram das primeiras páginas dos jornais. Por todo o mundo, a morte de Isabel II foi destacada. Abaixo, nas imagens, recordamos alguns exemplos nos *media* e a primeira do DN ontem, com uma fotografia do arquivo do jornal e que é Tesouro Nacional.

The Daily Telegraph
FINANCIAL TIMES
TIME
The Herald
The New York Times
QUEEN AND SPIRIT OF BRITAIN
Daily Mail
Our hearts are broken
Diário de Notícias
O adeus à Rainha
EL PAÍS
LE FIGARO
Bild
Die Welt weint um die Queen
INDEPENDENT
Mirror
Thank you

SOBE & DESCE

Diogo Ribeiro
Nadador do SL Benfica

Três medalhas de ouro no Campeonato Mundial Júnior de Natação colocaram Diogo Ribeiro num patamar de excelência na natação mundial. Estes triunfos são também uma história de superação, pois há um ano sofreu um grave acidente de moto e só depois de muito esforço chegou ao topo da modalidade e tornou-se uma das esperanças portuguesas para os JO Paris 2024.

Liz Truss
Primeira-ministra do Reino Unido

Liz Truss venceu Rishi Sunak na corrida ao lugar de Boris Johnson como líder do Partido Conservador e do governo. Aos 47 anos, Liz tornou-se a terceira mulher primeira-ministra do Reino Unido (após Margaret Thatcher e Theresa May). Após ser indigitada, anunciou ter um "plano ousado para fazer crescer a economia através de cortes fiscais e reformas".

António Costa
Primeiro-ministro de Portugal

Costa está no caminho certo ao anunciar o pacote das ajudas às famílias, mas foi pouco ambicioso e pouco claro para com os pensionistas. Sabe a pouco o que aí vem e, no caso das pensões, trata-se, afinal, de um encaixe que não passa de uma mera antecipação. E não foi convincente ao tentar explicar que as críticas sobre o futuro das pensões não tinham razão de ser.

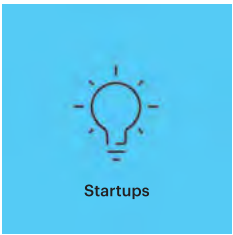
Almirante Silva Ribeiro
Chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas

A violação de segurança no Estado-Maior--General das Forças Armadas que permitiu a exfiltração de centenas de documentos confidenciais da NATO de computadores do EMGFA marca agora o currículo do almirante Silva Ribeiro. À falha grave de segurança no sistema informático junta-se o facto de terem sido os Serviços de Informações norte-americanos a descobrir, quando perceberam que esses mesmos documentos estava à venda na *dark web*.

OPINIÃO HOJE

Luís Castro Mendes A rainha de Inglaterra PÁG. 09 **Guilherme d'Oliveira Martins** Singular nostalgia PÁG. 09 **Kevin Watkins** As crianças em idade escolar merecem almoços grátis PÁG. 15 **Patrícia Akester** Em nome da paz: procura-se com urgência um novo Gorbachev PÁG. 25 **Mirko Stefanovic** Acordo ineficaz PÁG. 25

10.9.2022

Diretora Rosália Amorim **Diretor adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira e Artur Cassiano (adjunto) **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Céu Neves e Fernanda Câncio **Editores** Ana Sofia Fonseca, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil, João Pedro Henriques e Nuno Sousa Fernandes **Redatores** Ana Meireles, Carlos Nogueira, César Avó, David Pereira, Isaura Almeida, Paula Sá, Susete Francisco, Susete Henriques, Susana Salvador e Valentina Marcelino **Fecho de edição** Elsa Rocha (editora) **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, Maria Helena Mendes, Lília Gomes, Rafael Costa e João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Joana Petiz (diretora) **Evasões** Pedro Ivo Carvalho (diretor) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Mafalda Inácio, Carlos Nogueira, Paula Sá, Susete Francisco e Rui Frias **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de agosto de 2022: 6.619 exemplares.

por Helena Tecedeiro

Diogo Ribeiro foi recebido em festa no aeroporto de Lisboa e exibiu as três medalhas.

RODRIGO ANTUNES/LUSA

O corpo de Gorbachev esteve em exibição no Salão das Colunas, em Moscovo.

EPA/MAXIM SHIPENKOV

Sáb.

Adeus a Gorbachev sem funeral de Estado e sem Putin

Foi no Salão das Colunas, em Moscovo, que decorreram as cerimónias fúnebres de Mikhail Gorbachev, o mesmo local que recebeu os funerais de Estaline e Lenine. Mas, ao contrário destes líderes soviéticos, o último dirigente da URSS não teve direito a funeral de Estado. Tal implicaria a presença do presidente russo, Vladimir Putin, e convites a dirigentes mundiais. Ora, o inquilino do Kremlin alegou questões de agenda para não estar no funeral do homem que pôs fim à Guerra Fria e agora morreu, aos 91 anos. Isolado no palco mundial devido à invasão russa da Ucrânia, a agenda não terá sido a única razão que afastou Putin do funeral. E talvez o presidente russo também não tenha perdoado a Gorbachev o período difícil que viveu após a queda da União Soviética, tendo tido de conduzir táxis para ganhar a vida. Goste-se ou odeie-se, o mundo despediu-se de um homem que marcou a História do mundo.

Dom.

Diogo Ribeiro, nova esperança da natação aos 17 anos

O recorde do mundo nos 50 metros mariposa foi "a cereja no topo do bolo" na prestação de Diogo Ribeiro, que trouxe três medalhas de ouro do Campeonato Mundial Júnior de Natação, que decorreu em Lima, no Peru. "Nunca se viu nada assim na natação nacional. Já tivemos, e temos, nadadores extremamente talentosos, mas nada comparado com este fenómeno", admitiu José Machado, diretor desportivo da Federação Portuguesa de Natação, sobre o jovem, de 17 anos. Sobretudo se pensarmos que há um ano Diogo estava numa cama de hospital após sofrer um grave acidente de mota que lhe provocou queimaduras nas pernas, o ombro deslocado, um pé fraturado e uma lesão no peito. Agora, é a grande esperança da natação nacional para os Jogos Olímpicos de Paris 2024. E não faltam comparações com Michael Phelps.

2.ª

Oito medidas contra a inflação. Mas será que chega?

Um pagamento de 125 euros a cada cidadão não pensionista que ganhe abaixo de 2700 euros; meia pensão extra paga em outubro aos pensionistas; redução de parte do IVA da eletricidade de 13% para 6%; um teto ao aumento das rendas de 2%; congelamento dos passes dos transportes. Estas foram algumas das oito medidas que António Costa apresentou para combater a inflação. Um pacote de 2400 milhões de euros destinado a mitigar o aumento do custo de vida dos portugueses. Mas a oposição não ficou convencida. "Tardio", "uma ilusão", "aquém", um "Orçamento retificativo", uma "migalha", uma "fraude", "muito curto", gritou-se à esquerda e à direita do PS. A meia pensão adicional foi das mais criticadas, com as contas a mostrar que em 2024 os pensionistas vão perder 252 euros. Costa defendeu-se, o Presidente promulgou as medidas enquanto Costa falava ao país.

3.ª

Liz Truss aposta na diversidade contra a "tempestade"

Um dia depois de ter sido eleita líder do Partido Conservador, derrotando o ex-ministro das Finanças Rishi Sunak na votação interna, Liz Truss foi a Balmoral ser indigitada primeira-ministra pela rainha Isabel II. De volta a Londres após uma audiência de meia hora, e com a equipa à espera debaixo de chuva, bastaram cinco minutos à terceira mulher a chefiar o governo britânico para anunciar as suas prioridades diante do n.º 10 de Downing Street: "Tomarei medidas esta semana para lidar com as contas da energia e para assegurar o nosso futuro abastecimento energético", disse, prometendo tirar os britânicos da "tempestade". Para tal conta com um governo com a equipa de topo mais diversa de sempre – uma mulher para vice-PM e ministra da Saúde, um curdo nascido em Bagdad nas Finanças, um britânico-serraleonês nos Negócios Estrangeiros. Mas os tempos difíceis ameaçam não lhe dar qualquer lua-de-mel com o eleitorado.

Bolsonaro e Marcelo assistiram ao desfile dos 200 anos da independência do Brasil lado a lado.

MANUEL DE ALMEIDA/LUSA

Isabel II morreu esta quinta-feira, aos 96 anos. Esta é a sua última foto viva, dois dias antes, quando deu posse à nova primeira-ministra britânica, Liz Truss.

EPA/ANDREW MILLIGAN / POOL

Carlos III foi saudado pela multidão à chegada a Buckingham.

YUI MOK / POOL / AFP

Costa anunciou oito medidas para combater a inflação.

ANTONIO PEDRO SANTOS/LUSA

EPA/TOLGA AKMEN

Liz Truss e o marido, Hugh O'Leary, à entrada do número 10 de Downing Street.

4.ª

Bolsonaro quase faz do bicentenário um comício anti-Lula

Foi ao lado de Marcelo Rebelo de Sousa que Jair Bolsonaro assistiu ao desfile cívico-militar que marcou o bicentenário da independência do Brasil, em Brasília. Mas se já na capital o presidente brasileiro mostrara estar empenhado em fazer da data um palco para a sua campanha para as eleições de 2 de outubro, ao falar de luta entre "o bem e o mal" e evocando a ditadura militar que tanto admira, foi no Rio de Janeiro, diante de uma multidão de apoiantes reunidos em Copacabana, que mais tarde lançou os piores ataques ao principal rival, Lula da Silva. "Falo palavrão, mas não sou ladrão", garantiu, distanciando-se do "quadrilheiro de nove dedos". Palavras que terão soado como música divina aos ouvidos dos seus apoiantes e que só conseguiram acirrar o ódio dos lulistas. O resultado? Pouco terá mudado num Brasil que aos 200 anos vive uma divisão profunda.

5.ª

A rainha morreu, viva o rei Carlos III

A ida apressada dos principais membros da família real para Balmoral ao início da tarde já o deixava adivinhar, mas a confirmação chegou às 18h30 – a rainha Isabel II morreu aos 96 anos. Foram 70 anos de um reinado que atravessou a história do século XX, sempre marcado pelo sorriso empático de uma monarca sobre a qual, afinal, pouco sabemos. Mas isso não importa. Porque Isabel II era "A" rainha", aquela cujo título não precisava sequer de ser seguido de um nome para ser identificável. A sua morte marca o fim de uma era. Agora é a hora de Carlos III, o homem que esperou a vida inteira para reinar. Dificilmente alguém estará mais bem preparado do que o monarca, de 73 anos, mesmo se quase metade dos britânicos o preferiam ver abdicar para o filho William. Mas suceder a Isabel II não será tarefa fácil. Para ninguém. A rainha morreu, viva o rei!

6.ª

Carlos III lembra exemplo da mãe e promete uma vida ao serviço do país

Depois de uma receção calorosa por parte da multidão que não arreda pé do Palácio de Buckingham desde a morte de Isabel II, Carlos III teve ainda tempo para um encontro com a primeira-ministra, Liz Truss, antes de fazer o seu primeiro discurso à nação como monarca. De volta a Londres a partir de Balmoral, onde a mãe passou os últimos dias de vida, o rei surgiu sentado ao lado de uma fotografia de Isabel II. "Renovo diante de vós este compromisso de serviço durante toda a vida", garantiu, a lembrar o voto que a mãe fizera aos 21 anos, ainda antes de subir ao trono, e que cumpriu até ao fim. Um recado àqueles que desejam vê-lo abdicar a favor do filho, William. Carlos III recordou o exemplo e "inspiração" da sua "amada mãe". Mas não esqueceu uma palavra para a mulher, Camilla, agora rainha consorte, cujo "serviço público leal" destacou.

CARLOS III

O enigma sobre o futuro da monarquia britânica

REINO UNIDO Com o fim de uma era, republicanos nas ilhas britânicas e independentistas na Commonwealth põem em causa a chefia do Estado. O novo rei promete conformar-se à Constituição.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Carlos III recebeu a primeira-ministra Liz Truss em audiência. O passado do rei enquanto ativista junto de membros do governo leva a suspeitas sobre o seu comportamento enquanto chefe de Estado.

YUI MOK / POOL / AFP

Para quem tivesse dúvidas, o novo rei britânico deixou ontem uma palavra de tranquilidade na primeira alocução aos seus súbditos: "Tal como a própria rainha fez com tanta devoção inabalável, também eu agora me comprometo solenemente, durante o tempo restante que Deus me conceder, a defender os princípios constitucionais em que assenta a nossa nação", declarou Carlos III num discurso gravado numa ala do palácio de Buckingham onde Isabel II gravara várias mensagens de Natal. Enquanto Edimburgo e Londres se preparam para as cerimónias fúnebres e homenagens à rainha falecida aos 96 anos, não falta quem questione a personalidade do seu herdeiro para desempenhar as funções de chefe de Estado, chefe da Igreja Anglicana, comandante supremo das Forças Armadas e líder da Commonwealth, comunidade de 52 estados onde se inclui Moçambique, e na Europa Malta e Chipre.

Uma das características mais elogiadas de Isabel II é que não se imiscuiu nos assuntos políticos. Como disse o ex-primeiro-ministro Tony Blair, que com ela se reuniu durante dez anos, o trabalhista nunca soube quais eram as ideias políticas pessoais da rainha. O contraste é enorme com Carlos III. Seja sobre planos urbanísticos e arquitetónicos, seja sobre a defesa do ambiente, o então príncipe de Gales não se remeteu ao silêncio. Mais: em 2013, foi revelado que Carlos tinha realizado 36 reuniões com ministros nos três anos anteriores. Dois anos depois, o Supremo Tribunal autorizou que se tornasse pública a sua correspondência para com os ministros e assessores. Nas dezenas de cartas, o príncipe fazia pressão nos mais diversos temas, da habitação rural acessível à qualidade da comida nos hospitais, dos recursos para as tropas britânicas no Iraque à proteção da merluza-negra. O governo de Boris Johnson não escondeu a irritação quando Carlos criticou os planos controversos de envio de requerentes de asilo para o Ruanda. "O príncipe Carlos é um adorno para a nossa vida pública, mas isso deixará de ser encantador se ele tentar comportar-se da mesma maneira quando for rei. Isso irá apresentar sérios problemas constitucionais", comentou ao *The Times* um ministro.

Em 2014, Carlos não se calou perante a anexação da Crimeia pela Rússia e terá, em comentários privados, comparado o líder russo russo Vladimir Putin a Adolf Hitler. Agora que irá ter reuniões semanais com a primeira-ministra, como irá comportar-se? Será um "rei ativista", pisando a linha constitucional? Há três anos respondeu assim: "Eu não sou assim tão estúpido. É vital lembrar que só há lugar

RICARDO MAKYN / AFP

Em março, William, agora herdeiro do trono, visitou a Jamaica e ficou a saber pelo chefe do governo que o país prepara a transição para a república.

STEVE PARSONS / POOL / AFP

O PM canadiano Justin Trudeau chorou ao evocar Isabel II. Os partidários da república dizem que a Constituição impossibilita a mudança de regime.

para um soberano de cada vez. Não se pode ser igual ao soberano quando se é o príncipe de Gales ou o herdeiro."

Movimentos republicanos

Longe vão os tempos em que os britânicos diziam ter um império onde o sol nunca se punha. A descolonização decorreu durante o reinado de Isabel II, mas ainda assim, além das ilhas do Canal, de Gibraltar e das bases aéreas de Akrotir e Dhekelia, em Chipre, há mais de uma dúzia de territórios dependentes da coroa britânica. Ao que se soma 14 países soberanos que mantêm o monarca britânico como chefe de Estado, e não se trata apenas de ilhas nas Caraíbas ou na Oceânia: Austrália, Belize, Canadá e Nova Zelândia mantiveram os laços com Londres.

A maré, no entanto, está a mudar. Sinal recente foi a transformação de Barbados, ilha caribenha independente desde 1966, numa república em 2021. Com a curiosidade de que uma mulher sucedeu a Isabel II como chefe de Estado: Sandra Mason, a última governadora-geral, foi eleita presidente pelo parlamento. Em março, os príncipes William e Kate viajaram até à Jamaica e foram recebidos com protestos, com exigências de reparações e a reivindicação do fim da monarquia. O primeiro-ministro Andrew Holness transmitiu o desejo de cortar os laços com Windsor. Nas antigas Honduras Britânicas, Belize desde 1981, foi criada uma comissão constitucional para tornar o país numa república.

No Canadá, onde Isabel II se deslocou 22 vezes e considerava sua casa, sondagens recentes sugerem que cerca de metade da população defende que o país deveria acabar com os seus laços à monarquia com a morte de Isabel. O líder do Novo Partido Democrático, Jagmeet Singh, será o político de maior peso a advogar a república. Nos últimos meses houve demonstrações públicas de desagrado para com a monarquia – um busto de Isabel II foi decapitado em Vitória. Mas, como dizem os canadianos, é mais fácil para os ingleses acabarem com a monarquia. É que, quando em 1982, o país por fim se tornou soberano ao terminar com a dependência do Parlamento britânico, a legislação entrada em vigor estipulou que qualquer alteração constitucional tem de ser aprovada por unanimidade pelas 10 províncias, o que, segundo os analistas torna difícil, senão impossível o movimento republicano.

Na Austrália, a questão foi levada aos eleitores, em 1999. Então, 55% apoiaram a manutenção da monarquia. Há, porém, sinais contraditórios. Um inquérito de 2020 concluía que 62% desejavam um chefe de Estado australiano. No ano passado outra sondagem apontava que apenas 34% queriam uma república. Quererão os australianos uma monarquia australiana? Seja como for, o governo de centro-esquerda, chegado ao poder em junho, decidiu avançar para a discussão pública ao nomear Matt Thistlethwaite "ministro adjunto para a república". O primeiro-ministro Anthony Albanese tinha pedido um novo referendo em 2018, mas na campanha não se comprometeu. "O meu papel no primeiro mandato será o de educação: explicar ao público australiano que temos um monarca estrangeiro como nosso chefe de Estado, que podemos ter um australiano nesse papel, e que existem vários modelos que poderíamos adotar para fazer essa transição", disse Thistlethwaite ao *New Daily*.

A primeira-ministra da Nova Zelândia foi acordada às 5h00 por um agente da polícia a bater à porta do seu quarto, de lanterna em riste, a avisar da morte da chefe de Estado. Foi a própria Jacinda Ardern, que em 2018 disse esperar ver o país tornar-se numa república enquanto for viva, quem contou a história. Há quatro anos também disse que o tema não era prioritário, mas ao elogiar Isabel II na quinta-feira, Ardern também lembrou que é "um capítulo que se encerra". As sondagens indicam divisão, com os mais jovens inclinados para a república. Em 2016, os eleitores neozelandeses rejeitaram em plebiscito a mudança da bandeira nacional, pelo que permaneceu a Union Jack, a bandeira do Reino Unido no canto superior esquerdo do pavilhão do país.

Como reagirá Carlos III se deixar de ser monarca de um ou mais países? Já reagiu, na verdade, ao discursar na cimeira da Commonwealth, em junho. "Quero dizer claramente, como já disse antes, que o acordo constitucional de cada membro, como república ou monarquia, é uma questão puramente para cada país membro decidir."

Claro que o mesmo não dirá Carlos do Reino Unido. O grupo Republic disse publicamente que vai tentar aproveitar o momento para se fazer ouvir. Um dos argumentos é que, ao contrário do que os monárquicos apregoam, a realeza não custa uma libra por pessoa anualmente, mas 350 milhões de libras, além da riqueza oculta da monarquia (uma estimativa de 2015 da Reuters apontava para ativos no valor de 23 mil milhões de libras. "É uma oportunidade para fazer campanha, mas não vai ser uma campanha fácil", disse o líder do grupo, Graham Smith, que aspira à realização de um referendo sobre o regime.

cesar.avo@dn.pt

PLANO DE DEZ DIAS EM AÇÃO

Há muita especulação sobre os pormenores relacionados com as cerimónias fúnebres, estando por confirmar oficialmente quando e como é que o corpo de Isabel II será transportado para Londres, bem como a data do funeral.

PROCLAMAÇÃO
A partir das 10h de hoje realiza-se a cerimónia, o Conselho de Adesão, na qual Carlos é formalmente proclamado rei. A proclamação é anunciada por três trombeteiros e é lida numa varanda do palácio de São Jaime. O caixão com a rainha é transportado do castelo de Balmoral até Edimburgo, primeiro para o palácio de Holyroodhouse, a residência oficial da monarquia na Escócia, depois para a catedral de Santo Egídio, onde se realiza uma vigília.

VISITA ÀS QUATRO NAÇÕES
O novo rei deverá iniciar na terça-feira uma viagem pelos quatro territórios que compõem o Reino Unido com uma deslocação ao Parlamento, no qual os deputados irão aprovar uma moção de condolências.

CERIMÓNIAS
Já em Londres, o caixão real será transportado em procissão do palácio de Buckingham para Westminster, palácio onde estão sedeadas as duas câmaras parlamentares, Comuns e Lordes. Aí os membros mais velhos da família real devem ficar de guarda à volta do caixão, numa tradição conhecida como a vigília dos príncipes.Nos dias seguintes, os cidadãos podem prestar homenagem passando perto do caixão, elevado num catafalco, onde estarão a coroa do Estado Imperial, esfera e cetro, tudo guardado por soldados.

FUNERAL
O funeral de Estado reúne não só a família, mas também chefes de Estado e governo, entre outros convidados, na abadia de Westminster. Posteriormente, o féretro da rainha será levado para o castelo de Windsor, onde se realiza uma última cerimónia, na capela de São Jorge. Será então enterrada no jazigo real, juntamente com o marido, o príncipe Filipe, as cinzas da irmã Margarida, a mãe, também chamada Isabel, e o pai Jorge VI.

São rosas, senhora!

TEXTO **RITA SALCEDAS**, ENVIADA ESPECIAL A LONDRES

EPA/NEIL HALL

Junto ao Palácio de Buckingham as flores são uma forma de último tributo dos britânicos a Isabel II.

Grace, 12 anos, entrou no autocarro onde eu já estava sentada havia várias paragens, algumas horas depois de o avião que me trouxe do Porto ter aterrado no Aeroporto londrino de Heathrow, o mais movimentado da Europa e ontem especialmente caótico, como que a anunciar o alvoroço que estaria prestes a descobrir quando irrompesse pelas ruas da cidade. Era quase uma da tarde quando ela e eu passávamos ao lado do Hyde Park, no centro de Londres, de onde àquela hora começavam a ser disparadas 96 petrificantes salvas de tiros, uma por cada ano de vida da mulher que, sete décadas depois, deixou o mais duradouro reinado da história do Reino Unido e um dos mais longos do mundo.

Grace ia com a mãe no 148 rumo ao Sul da capital; eu estava sozinha, como de resto costumo estar no 702, que vai para o Bolhão. Só que no 702 que vai para o Bolhão nunca testemunhei, como aqui, tão grande e tão desconcertante comunhão entre passageiros de latitudes várias – uns fotografando, outros filmando, alguns lacrimejando –, unidos pelo mesmo enternecimento coletivo de quem assiste à História. Eu segurava num microfone e num bloco de notas, Grace levava nas mãos um ramo com flores roxas. Perguntei-lhe se eram uma oferenda para a rainha. Não escondeu a comoção e disse-me que sim, que escolhera a cor preferida daquela para quem já muitos reclamam o título de verdadeira dama de ferro, roubado à ex-primeira-ministra britânica Margaret Thatcher.

Como eu, a menina de nome gracioso a combinar com os olhos azuis com que me olhava também seguia para o Palácio de Buckingham, em Westminster, que nas últimas horas foi albergue de um sentimento comum de esperada mas irreparável perda. Um tipo de perda que só irmãos, primos, filhos e amigos fatalmente partilham em catarse. Como se Isabel II tivesse sido uma mãe ou uma avó para todos os milhares de pessoas que, em passo de procissão, se abeiravam ontem do palácio da rainha – agora do rei –, deixando os caminhos até lá quase intransitáveis e os muros e grades camuflados de pétalas e cartas de amor.

"Fez muito por todos nós. É incrível que haja tanta gente a celebrá-la e que todos a respeitem e tenham tanta gratidão. Vamos sentir muitas saudades dela. O mundo está em dívida para com ela. Foi uma dádiva incrível para o mundo e para o Reino Unido", disse-me a menina, tenro exemplo do patriotismo britânico, antes de pousar o seu ramo junto aos que já lá moravam. Nem todos a respeitarão, como defendeu, e nem todos lhe serão gratos ou terão saudades dela – ninguém rege sem falhas, sem erros e sem manchas –, mas, para o bem e para o mal, foi e será uma incontornável figura da vida de um país e de um mundo em constante mudança. Uma rainha que viveu de braço dado com a História enquanto a escrevia também. Uma mulher que ainda se escrevia a si própria quando foi lançada para o trono, só com 25 anos. E que, na sua despedida, uniu gerações, origens e estratos sociais diferentes. "É a pedra sobre a qual a Grã-Bretanha moderna foi construída", disse a recém-indigitada primeira-ministra britânica, Liz Truss.

Para Michael, de 28 anos, um de tantos jovens que quiseram homenagear a rainha, foi o "suporte da nação desde 1952". Para Gloria, 76, e Roland, 80, foi "o mais notável, carinhoso e dedicado ser humano de sempre". A generosa dedicatória foi gravada num postal que deixaram sobre rosas e camélias. Junto a elas, uma senhora prostrada no chão chorava com fulgor, como se todas as flores do mundo tivessem sido arrancadas. Não quis falar, estava muito consternada, ocupada a sentir intensamente a dor e inquietude que me fez crer que sentia. A mesma inquietude com que Gloria e o marido receberam a notícia da morte "pacífica" de Isabel II e que veio colidir com a felicidade com que tinham sido brindados momentos antes, ao saberem do nascimento de uma bisneta, que agora esperam chamar-se Isabel, em tributo à monarca "insubstituível".

rita.salcedas@jn.pt

"A rainha representa uma era do mundo e tem sido uma constante durante muitos anos. Acho que representa a Inglaterra e que deve ser honrada e celebrada. A geração mais nova também respeita a rainha. É um ícone."

Grace
12 anos

"Viemos prestar tributo a esta notável mulher que nunca será substituída. O que vemos aqui hoje prova o quão extraordinária ela é. Creio que estará junto ao marido, como queria."

Gloria
76 anos

"Estava a ver a BBC em direto quando anunciaram que a rainha tinha morrido. Na altura, não tive noção de que me ia abalar como acabou por me abalar. Foi o suporte da nação desde 1952. Eu estava a caminho de Londres e, como ela fez tanto pelo país, decidi vir prestar o meu tributo."

Michael
28 anos

Opinião
Guilherme d'Oliveira Martins

Singular nostalgia

Queira-se ou não, é uma época que termina. É o retrato de um tempo que passa para os arquivos da memória. E invocamos uma fotografia de 1953, de Winston Churchill junto da jovem rainha Isabel, num cumprimento respeitoso, mas familiar. Apercebemo-nos da dignidade de um sentido paternal, símbolo de uma tradição que encontra a atualidade. Com a morte da rainha Isabel II ficam-nos muitas lembranças, muitos acontecimentos, numa zona de penumbra e de perigoso risco de esquecimento. A memória que tenho mais forte e mais antiga da rainha é a da Avenida da Liberdade e do imponente cortejo na visita oficial de fevereiro de 1957.

É a imagem de um conto verdadeiro que jamais esquecerei. Depois, tenho de recordar o entusiasmo da minha família, em especial da parte anglófona, com um século, pelo menos, de crença liberal, no sentido democrático. Recebi, assim, com estupefação e angústia a notícia do 'Brexit', pelo qual a Europa atlântica foi fortemente afetada. Não falo agora da antiga aliança luso-britânica e dos seus claros e escuros, mas tenho bem presente a vitória da causa do nosso rei D. Pedro IV, incentivada pela chegada ao governo britânico do partido Whig, de *Lord* Charles Gray, e pela monarquia de julho de 1830 do rei Luís Filipe de Orleães, em França. Há mil lembranças históricas – e se digo que corremos o risco de um esquecimento perigoso é porque a incerteza do momento que coincide com a morte de Isabel II pode fazer-nos esquecer o longo período de paz que coincidiu com o reinado da soberana desaparecida.

O cenário de guerra, a crise económica e o risco pandémico, que hoje vivemos, deixa-nos num caminho de dúvida, de temor e de incerteza, que afeta a Europa e o mundo. Perante a situação atual, a Europa precisa do Reino Unido e Portugal e a Península Ibérica terão tudo a ganhar se preservarmos a vertente atlântica. E precisamos da coragem serena de quem, no decurso do último conflito mundial, se alistou no exército como condutora de pesados e mecânica de automóveis. Numa vida difícil e plena de contratempos, mas também com momentos exaltantes, o que encontrámos sempre na rainha foi a coerência e o estrito respeito do Estado de direito, da justiça e dos direitos fundamentais. Memória e vontade afirmaram-se de um modo natural. Longe de qualquer melancolia, a recordação que fica da rainha Isabel II é da coragem, da simplicidade, do serviço público, do cuidado, da serenidade, do exemplo. Precisamos de memória que preserve a paz, e o exemplo da rainha que agora nos deixa, depois do mais longo reinado de que temos memória, merece atenção. O século XX foi um tempo de tragédia e destruição que nada fazia prever, como afirmou Stefan Zweig, a que sucedeu um tempo de 30 gloriosos anos de paz, de cooperação e de desenvolvimento. Montesquieu ensinou-nos que só o poder limita o poder – e, através do exemplo da rainha Isabel II, sabemos que tudo começa na consciência das fronteiras da ação. Nada sabemos sobre o que nos reserva o futuro. O rei Carlos III terá uma palavra a dizer, nos estritos limites dos seus poderes constitucionais – e será o caminho adotado por sua mãe a referência fundamental. Como diria Shakespeare: "É melhor ser rei do teu silêncio do que escravo das tuas palavras."

> **O que encontrámos sempre na rainha foi a coerência e o estrito respeito do Estado de direito, da justiça e dos direitos fundamentais.**

Administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian.

Opinião
Luís Castro Mendes

A rainha de Inglaterra

Poucas figuras tutelares atravessaram a nossa vida e a vida de tantas gerações como a rainha Isabel II, de quem ouvi falar desde criança, através de meus pais. A figura da rainha, jovem mãe e chefe de um Estado que derrotara o nazismo (para a geração de meus pais essa era a referência fundamental), trazia o rosto jovem de uma Inglaterra aliada e democrática, que fazia até Salazar vir prometer-nos hipocritamente "eleições tão livres como na livre Inglaterra". A qualidade da nossa liberdade viu-se pouco tempo depois, com a expulsão de Portugal do trabalhista Aneurin Bevan e com as eleições fraudulentas que se seguiram.

Era, sem dúvida, popular entre nós a rainha Isabel, e essa popularidade teve o seu grande momento de apogeu na visita real de 1957, preparada com fausto e com brilho.

Em 1985, quando trabalhava no gabinete do Presidente Ramalho Eanes, acompanhei profissionalmente a visita que a rainha Isabel II de Inglaterra fez nesse ano a Portugal.

Toda a preparação dessa visita teve a constante interferência da imagem forte que a viagem da soberana a Portugal, em 1957, causara no nosso país, e muito particularmente na carreira diplomática portuguesa.

Os tempos eram outros e os cerimoniais e os protocolos diferentes. O desembarque da rainha do iate *Britannia* fez-se diretamente para o cais, e não pela colorida embarcação a remos de 1957, e as fardas e librés exibidos não tinham já o fausto setecentista de 28 anos atrás! A nostalgia desse esplendor passado enchia as almas saudosistas dos meus colegas mais velhos, como a memória de uma grandeza que os novos tempos lhes negavam!

Foi assim que recebi no meu gabinete, em Belém, o lendário embaixador Faria, grande figura da nossa diplomacia, que, do alto dos seus 85 anos, me vinha pedir a mim que sensibilizasse o Presidente Ramalho Eanes para a necessidade de tornar obrigatória a casaca no banquete oferecido pelo nosso chefe de Estado à rainha.

O protocolo inglês dissera-nos, naturalmente, que "a rainha segue o protocolo do Estado que a recebe", e era intenção do Presidente Eanes estipular o fato escuro, protocolo republicano de que a França, por exemplo, nunca abdica.

Mas as pressões eram muitas, alegando que cairíamos no ridículo ante a Coroa britânica se abdicássemos da indumentária de cerimónia (não me consta que a rainha alguma vez tivesse rido do general De Gaulle). Acrescentava-se a esse sentimento dos velhos diplomatas o interesse dos mais novos em poder exibir as suas casacas e, sobretudo, os seus uniformes, que só em ocasiões de gala se podem usar.

Assim fomos nós todos, de casacas e vestidos compridos, para o jantar da rainha. Da parte dos mais velhos era também uma mostra de respeito. A rainha merecia-o e a Inglaterra de que nós, os mais novos, gostávamos, porque vencera Hitler, também.

Não esqueçamos ainda a posição firme, nos limites dos seus poderes constitucionais, que a rainha assumiu contra o apoio da Sr.ª Thatcher ao regime então racista da África do Sul (parece que o liberalismo afinal é compatível com o *apartheid*...). O conservadorismo de uma Coroa pode ser às vezes um bom contraponto aos extremismos liberais da moda!

Habituámo-nos a esta rainha todos nós, monárquicos e republicanos, socialistas e conservadores. É um grande pedaço das nossas vidas que se acaba com a sua morte!

> **Habituámo-nos a esta rainha todos nós, monárquicos e republicanos, socialistas e conservadores. É um grande pedaço das nossas vidas que se acaba com a sua morte!**

Diplomata e escritor.

Manuel Pizarro. De Bruxelas para "uma tarefa gigantesca" na Saúde

MINISTRO António Costa foi buscar um dirigente socialista, médico com experiência na gestão do SNS, para suceder a Marta Temido. Tomada de posse marcada para hoje ao final da tarde.

TEXTO **SUSETE FRANCISCO**

PAULO CUNHA/LUSA

Duas vezes secretário de Estado, Manuel Pizarro assume aos 58 anos o cargo de ministro da Saúde, sucedendo a Marta Temido.

Manuel Pizarro toma hoje posse como ministro da Saúde, assumindo a tutela de um setor marcado por sucessivas crises, da falta de profissionais e défice de resposta aos utentes ao clima de crispação entre os vários agentes do setor. Uma "tarefa gigantesca" – nas palavras do antigo ministro Adalberto Campos Fernandes – que é agora entregue ao médico de 58 anos, antigo secretário de Estado e dirigente do PS/Porto.

Com esta nomeação, Manuel Pizarro deixa o lugar de deputado no Parlamento Europeu, para o qual foi eleito em 2019. "Regresso a Portugal cheio de determinação e vontade de trabalhar em defesa dos portugueses e do Serviço Nacional de Saúde", afirmou ontem, na Batalha (Leiria), à margem da Academia Socialista, onde deixou também uma mensagem de "homenagem e reconhecimento a Marta Temido pelo trabalho extraordinário que fez durante quatro anos".

O facto da escolha do novo ministro recair sobre um dirigente do PS foi ontem destacado em sentidos diametralmente opostos: por um lado, por levar para o cargo um peso político que Marta Temido não tinha no Governo; por outro, por ser uma nomeação saída do aparelho do PS, um sinal, para a oposição, das limitações do Executivo de António Costa.

O antigo ministro da Saúde, Adalberto Campos Fernandes, acentua o primeiro ponto. "Com perfis diferentes, havia duas boas soluções: Fernando Araújo e Manuel Pizarro. É uma boa escolha, tem uma grande força política, é médico e tem experiência, trabalho feito. Isso é essencial, não temos mais margem para falhar na Saúde", afirma ao DN o ministro que antecedeu Marta Temido, e que diz esperar de Pizarro um mandato "num quadro de abertura, de diálogo com os profissionais, com os diferentes setores".

Conhecida a nomeação, os diferentes setores reagiram a várias vozes. Para Miguel Guimarães, bastonário da Ordem dos Médicos, esta é uma "uma decisão sensata": o novo ministro "tecnicamente está preparado e politicamente tem peso". "Dos vários candidatos que foram falados, provavelmente é aquele que tem mais peso político, ou seja, pode defender dentro do Conselho de Ministros aquilo que é a importância da Saúde para o país", disse à Lusa. Para a Associação Nacional dos Médicos de Saúde Pública, pela voz do presidente, Gustavo Tato Borges, esta é uma "boa solução de compromisso".

> *"Regresso a Portugal cheio de determinação e vontade de trabalhar em defesa dos portugueses e do Serviço Nacional de Saúde."*
> **Manuel Pizarro**
> *Ministro da Saúde indigitado*

Já Ana Rita Cavaco, bastonária da Ordem dos Enfermeiros, vê a nomeação com cautelas e sem expectativa. "É o terceiro ministro da Saúde nomeado desde 2016 e não esperamos nada", diz ao DN. "É um rosto conhecido de todos os enfermeiros" porque "em 2009 foi ele quem terminou com a carreira dos enfermeiros tal como se luta por ela agora, estruturada e que motivava os profissionais", sublinha. Por isso, há agora a "oportunidade para corrigir os erros que tomou no passado". Da parte da Ordem, conclui Ana Rita Cavaco, "o ministro pode esperar abertura para dialogar e negociar. Vamos esperar para ver."

Entre os partidos da oposição, o tom foi de crítica. A escolha mostra a "incapacidade de António Costa recrutar pessoas na sociedade. Já só consegue recrutar nos fervorosos dirigentes do PS", apontou o líder do PSD, Luís Montenegro. André Ventura, presidente do Chega, defendeu na RTP que o perfil "partidário" de Pizarro responsabiliza diretamente António Costa pelo que vier a suceder na Saúde. Para a Iniciativa Liberal, no Governo "cabe sempre mais um fiel do aparelho do PS". À esquerda, o PCP desvalorizou a nomeação, defendendo que aquilo que faz a diferença são as políticas e que a prioridade tem de ir para o fim do "subfinanciamento crónico" do SNS. Catarina Martins, líder do BE, escreveu no Twitter que a alteração do ministro "não garante qualquer mudança" – "nada muda com a mesma política".

Um médico com um longo percurso político

Nascido em Coimbra em 1964, mas criado no Porto desde criança, Manuel Pizarro é licenciado em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, especialista em Medicina Interna, tendo participado na criação da Unidade de Cuidados Intermédios de Medicina do Hospital de S. João, da qual foi coordenador adjunto.

Já então com experiência na política autárquica no Porto, em 2005 foi eleito deputado à Assembleia da República. No Parlamento, para o qual voltaria a ser eleito nas duas legislaturas seguintes, integrou sempre a comissão parlamentar de Saúde. Em 2008 assumiu as funções de secretário de Estado da Saúde e, no segundo governo de José Sócrates, de Secretário de Estado Adjunto e da Saúde (em ambos os casos com Ana Jorge como ministra). Pelo seu gabinete passaram dossiers como a reforma dos cuidados de saúde primários, o alargamento do programa cheque dentista às crianças, ou a criação do Banco Público de células do cordão umbilical.

Figura cimeira do PS a norte, foi líder da concelhia portuense e é o líder da distrital do Porto, cargo que ocupa desde 2016. Foi duas vezes candidato derrotado à Câmara do Porto. Nome próximo de António Costa, a relação entre ambos sofreu algum atrito nas últimas eleições europeias, quando Pizarro foi colocado na nona posição nas listas ao Parlamento Europeu. Um lugar que à partida seria inelegível, mas que o PS acabou por eleger.

Ontem, ainda no Rio de janeiro, Marcelo Rebelo de Sousa afirmou que o nome lhe foi proposto sexta-feira "quase ao fim da manhã". "Naturalmente aceitei", referiu o chefe de Estado, inserindo este passo no contexto mais abrangente da "regulamentação do Serviço Nacional de Saúde". Depois da aprovação, no Conselho de Ministros da passada quinta-feira, da nova direção executiva do SNS, Marcelo lembrou que analisará agora o decreto, que terá evoluído para "uma posição próxima" da que defendeu. Ou seja, a "ideia de uma separação clara entre decisões políticas e uma gestão mais independente, mais autónoma [do SNS], através de outra instituição que não o ministério".

Com RUI MIGUEL GODINHO

susete.francisco@dn.pt

Promessa de Montenegro tinha sido feita em julho, no Congresso do PSD.

Montenegro começa em Viseu a "sentir Portugal"

PSD Presidente social-democrata vai passar uma semana por mês em cada um dos distritos do país. Iniciativa arranca já na segunda-feira.

O presidente do PSD inicia segunda-feira em Viseu o programa Sentir Portugal, que o levará, ao longo dos próximos dois anos, a passar uma semana por mês em cada um dos distritos do país. Numa conversa com a comunicação social de enquadramento da iniciativa, Luís Montenegro explicou que o périplo irá incluir deslocações à Madeira e aos Açores e também a algumas comunidades portuguesas na Europa e fora da Europa, embora neste caso em moldes diferentes. A promessa destas deslocações foi feita no encerramento do Congresso em que Montenegro foi confirmado como líder do PSD, em 1 de julho.

"O que me move é o desejo de restabelecer relações de proximidade, de intimidade com o país e com os eleitores e de compreender o contexto das preocupações, das causas das pessoas", explicou. No Congresso, Montenegro já tinha alertado que é o partido que tem de convencer as pessoas a voltarem a votar no PSD. "Não são os eleitores que estão errados", disse então.

Apesar de o PSD continuar a ser o maior partido da oposição, o novo líder alerta que a travessia fora do governo nunca foi tão longa, com duas derrotas em legislativas abaixo dos 30% e derrotas em europeias e autárquicas. "Se o PSD não tiver a capacidade de perceber que há um afastamento, se não formos à procura de alterar comportamentos, será difícil os resultados melhorarem significativamente. Eu não sou daqueles que espera que o poder me caia no colo, espero merecê-lo", sublinhou.

Para que o contacto com a população seja ainda mais próximo, Montenegro optou por, na próxima semana, arrendar uma casa no centro de Viseu e espera conseguir ir às compras, ao mercado, cozinhar e até assistir a algum evento local – o programa assinala o domingo como "dia livre". Em Viseu irá também promover encontros mais institucionais com o meio académico – vai assinalar a abertura do ano letivo na sexta-feira numa escola em Cinfães –, meio empresarial, uma visita ao Centro Hospitalar Tondela-Viseu, autarcas e até com os bispos das dioceses de Lamego e de Viseu.

> Líder do PSD também vê esta volta pelo país como oportunidade para ganhar notoriedade: "Tenho consciência de que as pessoas precisam de me conhecer melhor."

Quanto à escolha de Viseu para arrancar esta volta pelo país, são várias as razões apontadas: a importância política do distrito para o PSD, ser no Centro do país, ter uma grande diversidade territorial e muitos autarcas sociais-democratas. "Não é por acaso que o nosso coordenador autárquico [Pedro Alves] estará na visita, aproveitaremos para fazer uma radiografia autárquica", adiantou o líder.

Em outubro, o modelo repetir-se-á noutro distrito – Montenegro não quis adiantar ainda qual será –, mas a data escolhida irá adaptar-se ao calendário orçamental, às jornadas parlamentares da bancada social-democrata (17 e 18 de outubro), bem como a um encontro do Partido Popular Europeu no qual o líder do PSD participará. "Não haverá uma semana-tipo", disse, salientando que esta iniciativa não irá colidir com a sua presença no Parlamento, quando for necessária, mesmo não sendo deputado. Questionado se esta volta pelo país servirá também para ganhar notoriedade, admitiu que pode ser uma boa oportunidade: "Tenho consciência de que as pessoas precisam de me conhecer melhor."

DN/LUSA

Body positivity e *neutrality*: a luta contra os padrões de beleza

IMAGEM Com os padrões corporais a serem alterados ao longo do anos, os dois movimentos pretendem quebrar este ciclo. Estes querem ensinar-nos a aceitar e a amar o nosso corpo tal como é.

TEXTO **MARIANA DE MELO GONÇALVES**

Das modelos das capas de revista às publicações colocadas nas redes sociais, somos bombardeados diariamente com imagens do corpo perfeito, muitas vezes representado como magros, atléticos com barriga definida, sem estrias ou celulite. Em contraponto a esta 'imagem' começaram a surgir movimentos como o *body neutrality* e *body positivity* que tentam quebrar os padrões de beleza corporal que são impostos pela sociedade e normalizar todos os tipos e formas de corpo.

O *body positivity* pretende demonstrar que todos os corpos são belos e que os devemos amar independente do seu tamanho ou forma. Este primeiro movimento surgiu em 1969. em Nova Iorque, com o engenheiro Bill Fabrey, depois de perceber como a sua mulher era tratada por não ser padrão. O *body neutrality* surgiu mais recentemente e veio responder às problemáticas encontradas no *body positivity*. Prioriza a aceitação do próprio corpo, sem a necessidade de o amar todos os dias.

"Um exemplo que podemos dar de *body positivity* são aqueles exercícios de observação do corpo com afirmações positivas, como, por exemplo: 'eu amo o meu corpo', ou 'a minha barriga é linda como ela é'. Já um exemplo do *body neutrality* são frases como 'as minhas pernas são boas porque me permitem correr' ou 'eu sou grata pelos meus braços, porque eles me permitem abraçar quem eu amo'. No fundo, a ideia é de que eu sou mais do que um corpo", explicou ao DN a psicóloga Joana Gentil Martins.

A maior problemática encontrada no movimento *body positivity* foi a possível sensação de fraude que se poderia formar no indivíduo ao afirmar que ama o seu corpo, quando na realidade ainda não chegou a esse ponto. O primeiro passo é a aceitação, como refere o movimento do *body neutrality*. No entanto, alguns especialistas afirmam que os dois podem viver em simultâneo, complementando-se.

Como nutricionista, Lillian Barros tem em conta os movimentos de valorização de todos os corpos. "É muito importante que os pacientes valorizem o seu corpo e procurem metas reais, de acordo com a sua genética, formato de corpo, rotina, preferências e necessidades. Frequentemente os corpos considerados padrão de beleza não são sequer saudáveis, pelo que não devemos procurar atingir algo irrealista", referiu, respondendo ao DN por *e-mail*.

> A maior problemática encontrada no *body positivity* foi a sensação de fraude que se poderia sentir ao afirmar que se ama o nosso corpo, quando na realidade não o amamos. O primeiro passo é a aceitação, como refere o movimento do *body neutrality*.

Catarina Rochinha, ativista digital e criadora de conteúdos, segue a ideia de que os dois movimentos conseguem viver em harmonia, mas para si o principal é as pessoas não terem medo de começar uma jornada de autoconhecimento.

"Acho extremamente importante as pessoas saberem quem são. Acho importante colocarem em perspetiva as inseguranças que sentem e perceberem de onde essas inseguranças surgem", afirmou ao DN. Por vezes, os dois movimentos podem levar a interpretações erradas. Estes não pretendem glorificar a obesidade, mas sim expressar a liberdade corporal e fazer as pessoas sentirem-se bem consigo mesmas. "Aceitarmos e amarmos o nosso corpo não deve significar resignarmo-nos e mantermos os hábitos menos saudáveis. Não desvalorizo a problemática que é a obesidade ou os malefícios que aportam o excesso de peso, mas *body positivity* não é pró-obesidade", sublinhou a nutricionista.

Catarina Rochinha pretende desmistificar os tabus sobre o tema e refere que "as pessoas não se devem esconder, devem ser vistas e não ter vergonha de quem são, independentemente se estão numa jornada de perder peso ou não, independente daquilo que os outros possam ou não considerar saudável".

"Nós não somos manequins", diz a frase em inglês na imagem da criadora de conteúdos e ativista Catarina Rochinha.

Redes sociais *versus* padrões de beleza corporal

No mundo das redes sociais, o conteúdo a que os utilizadores estão expostos depende de como os próprios o 'consomem'. Enquanto redes sociais como o Instagram se focam por vezes no "sonho", não só do corpo ideal, mas também da vida ideal, outras redes, como o TikTok, acabam por ser mais realistas.

Segundo Joana Gentil Martins, as imagens que constam nas plataformas *online* são editadas e representam apenas o segundo em que aquelas fotografias são tiradas, e "não a realidade do que há por trás. Nós precisamos de saber que o que nós vemos é só uma pequena parte da realidade".

Mas este não é o único fator que leva à perda de autoestima. Os comentários negativos deixados nas publicações podem ir desde insultos ao chamado *dislike* (quando uma pessoa não coloca 'gosto' nas publicações).

A psicóloga Joana Gentil recomenda aos utilizadores que façam uma análise das próprias redes sociais, deixem de seguir contas que os fazem sentir-se mal e passem a seguir as de pessoas que normalizam todos os tipos de corpo e que promovem a autoaceitação.

Para Catarina Rochinha, a vida de criadora de conteúdos nas redes sociais surgiu de forma espontânea. Durante a pandemia, começou por partilhar com o mundo as suas ideias e visões, acabando por rapidamente crescer. Notou que em Portugal não existiam muitos *influencers* a falar de movimentos como *body positivity* e *body neutrality*, o que a levou a postar sobre a temática com o objetivo de normalizar a mesma. "Estou completamente exposta e há pessoas que por vezes podem fazer comentários menos simpáticos, existe

IMAGEM DE JOANA PEREIRA

"Os dois movimentos podem trabalhar em conjunto. Enquanto o body neutrality *nos dá uma perspetiva de olhar para além do corpo, o* body positivity *dá-nos o respeito e valorização de todos os corpos que existem."*

Joana Martins Gentil
Psicóloga

"Um gelado deve ser inserido no contexto de um dia alimentar e não como um alimento 'engordatório. Nada nos engorda isoladamente."

Lillian Barros
Nutricionista

O verão pode levar a uma maior preocupação com a imagem corporal devido ao uso de menos roupa com o calor. A procura por nutricionistas aumenta igualmente nesta altura do ano pela mesma razão.

bullying online, existe o *body shaming*, etc.", denuncia.

Body shaming é um tipo de *bullying* relacionado com o corpo. Este pode evoluir para um tipo de fobia, ou seja, gordofobia.

Sempre foi aquilo que se apelida de "cheinha", mas nunca deixou de ser confiante. Embora na adolescência houvesse alguma pressão para fazer imensas dietas, percebeu que era menos saudável com este tipo de alimentação altamente restringida.

Com 38 mil seguidores no Instagram, os seus vídeos e imagens fazem a diferença para os seus seguidores. "É absurdo conseguir perceber a diferença que eu e as outras pessoas deste meio temos tido na vida de muita gente. Eu já tive pessoas no meio da rua que me abraçaram, agarraram-me a chorar, tenho pessoas que me mandam mensagens a dizer que ao fim de não sei quantos anos conseguiram pela primeira vez vestir um biquíni e ir à praia."

Umas das grandes lacunas que Catarina Rochinha nota na sociedade é a não existência de tamanhos grandes para pessoas maiores. "Eu tento sempre trabalhar com marcas que acreditam efetivamente naquilo que eu acredito. Tento sempre trazer marcas que tenham variedade de tamanhos e peças de roupa. Por vezes há pouca diversidade para aquilo que é tendência nos tamanhos maiores. É tudo cores neutras."

Atualmente a ativista com formação e trabalho na área de *marketing* e publicidade lançou uma campanha para exigir a obrigatoriedade de um selo ou frase nas capas de revista e anúncios que têm imagens manipuladas pelo Photoshop, incluindo corpos e aparências que fogem à realidade. "Por todas as pessoas enganadas e diminuídas por caberem num padrão que não é real", lê-se na publicação do Instagram. Catarina Rochinha pretende levar a temática a debate na Assembleia da República.

Obsessão com as calorias

O verão pode levar a uma maior preocupação com a imagem corporal, devido ao uso de menos roupas com o calor. A procura por nutricionistas aumenta igualmente nesta altura do ano pela mesma razão. Mas Lillian aponta ainda os excessos, como os jantares de verão, petiscos, gelados e bebidas alcoólicas, e o sedentarismo como outros motivos para preocupação da imagem.

No entanto, a alimentação deve ser baseada na contagem de calorias. "Um gelado deve ser inserido no contexto de um dia alimentar, e não como um alimento 'engordatório'. Quero dizer com isto que nada nos engorda isoladamente, mas sim no seu contexto de consumo alimentar complementar",explicou a nutricionista.

Ao longo dos anos, os padrões de beleza têm vindo a mudar . Esculturas da antiguidade demonstram como o padrão ideal da altura era uma mulher com curvas maiores. Já no final dos séculos XX o corpo ideal era uma mulher alta e magra. Atualmente, o corpo de sonho de muitas jovens é a anca larga e a cintura fina. Os movimentos *body positivity* e *body neutrality* tentam quebrar este padrão. Jovens cada vez mais nas redes sociais mostram os seus verdadeiros corpos, amando-os como eles são e celebrando-os.

mariana.goncalves@dn.pt

FRIENDS OF EUROPE | EUROPEAN YOUNG LEADERS

Iniciativa que debate o futuro da Europa decorreu em vários espaços de Lisboa, como a Assembleia da República (*na foto*) e o Teatro Municipal São Luiz.

"É a altura perfeita para atacar as alterações climáticas"

CONFERÊNCIA No último dia da iniciativa European Young Leaders debateu-se, em mesa-redonda, o futuro do clima. A conclusão? Há espaço para fazer mais e melhor.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

O melhor caminho para mitigar e combater os efeitos das alterações climáticas é unir esforços, em particular entre os Estados Unidos e a União Europeia. É esta a principal conclusão do painel "Transatlantic Climate Change Dialogue" (Diálogo Transatlântico sobre Alterações Climáticas, em português), que aconteceu ontem em formato híbrido, e que se insere na iniciativa European Young Leaders (Jovens Líderes Europeus, em português), que decorre em Lisboa desde quinta-feira e termina hoje.

O painel, constituído sobretudo por figuras ligadas a instituições europeias e americanas com um papel na luta contra as alterações climáticas, discutiu, ao longo de pouco mais de duas horas, qual a melhor forma de mitigar os efeitos cada vez mais visíveis desta problemática. Para Laura Cozzi, da Agência Internacional de Energia, esta "é a altura perfeita para atacar as alterações climáticas", e justifica: "Estamos a começar a perceber que política energética não significa necessariamente energia, mas sim que é agora possível também ter fundos para mudar de casa e estamos a perceber qual é o caminho a seguir neste aspeto." Mas, reconhece a responsável, "não tem havido uma abordagem consistente por parte dos decisores políticos e isso não é apelativo para os consumidores" – algo com o qual Francesca Cavallo, escritora italiana e outra das intervenientes, concorda: "O discurso tem sido sempre muito punitivo, quase como se fosse um pecado ter comportamentos pouco ambientalistas."

> *"É necessário haver uma redução da dependência dos combustíveis fósseis e apoiar a descarbonização."*
> ***Ethan Hinch***
> Funcionário no gabinete de Bernie Sanders

Numa perspetiva vinda dos Estados Unidos, Kevin Noertker, CEO da Ampaire, uma empresa da indústria da aviação híbrida, defende que "o futuro passa por investimentos na sustentabilidade", apesar de considerar que "as políticas públicas atuais não contribuem para a descarbonização". No caso do setor da aviação – considerado dos mais poluentes a nível global –, "tem havido sempre obstáculos, porque não é uma indústria fácil de descarbonizar. A alternativa? Seria reprogramar e reestruturar o setor, e isso ia atrasar o progresso já alcançado". Numa esfera mais próxima do poder político, Ethan Hinch, funcionário do gabinete do senador Bernie Sanders, acrescenta que "é necessário haver uma redução da dependência de combustíveis fósseis. É preciso apoiar a descarbonização", e para isso, defende Andrea Ruotolo, responsável pelo departamento de sustentabilidade da empresa Rockwell (que produz soluções de automação industrial e energia), a solução é só uma: "Se queremos efetivamente descarbonizar as economias, temos de estabelecer um preço obrigatório para o carbono."

No final das intervenções, a conclusão é de que, perante a crise energética que se enfrenta, o caminho passa por pensar em como estabelecer "novas cadeias de abastecimento energético, ao mesmo tempo que se tenta, aos poucos e poucos, adotar modelos de mobilidade alternativos ao automóvel e aos meios de transporte mais poluentes. As emissões estão a aumentar, e não o contrário", remata Thibaut Febvre, presidente-executivo da Vianova, uma plataforma de dados sobre mobilidade urbana e serviços de transporte.

rui.godinho@dn.pt

Requisitos para dar aulas este ano letivo já foram publicados

EDUCAÇÃO Diploma foi publicado ontem em *Diário da República*. Para dar aulas de Matemática é preciso ter tido uma formação de pelo menos 80 créditos na área.

As escolas já sabem que, caso seja necessário, vão poder contratar licenciados com créditos nas áreas científicas correspondentes às disciplinas a lecionar. Tudo para que seja possível enfrentar a eventual falta de professores durante o ano letivo.

O despacho foi publicado ontem em *Diário da República* e estará em vigor durante o ano letivo de 2022/2023. "Preenchem os requisitos de formação para as áreas disciplinares dos diferentes grupos de recrutamento os candidatos que sejam titulares de licenciatura em Educação Básica", começa por definir o diploma. Mas, por exemplo, para dar aulas de Matemática e Ciências da Natureza a alunos dos 5.º e 6.º anos de escolaridade, a escola pode agora contratar alguém com uma licenciatura em Educação Básica ou então com "80 créditos em Matemática ou 80 créditos em Ciências Naturais", lê-se no anexo, que define os requisitos de formação exigidos para cada uma das disciplinas.

"Excecionalmente, quando nenhum dos candidatos reúna os requisitos previstos no número anterior, a escola pode proceder à contratação de candidatos titulares de licenciatura, desde que disponham de 120 créditos obtidos na área científica correspondente à disciplina a lecionar", acrescenta o diploma.

O novo ano letivo no ensino básico e secundário arranca na próxima semana para cerca de um milhão de alunos, num ano em que não se prevê a aplicação de medidas de contenção da covid-19.

DN/LUSA

Funcionário de bar de Setúbal morto por clientes

CRIME Desacatos aconteceram de madrugada e suspeitos puseram-se em fuga mas foram entretanto intercetados. Há duas versões diferentes sobre o sucedido.

O funcionário de um bar de Setúbal foi morto na madrugada de ontem após uma desavença com um grupo de homens, que se colocou em fuga mas foi intercetado pela PSP e entregue à Polícia Judiciária (PJ), revelou fonte policial.

Segundo a mesma fonte, a vítima é um homem de 31 anos, que terá sido agredido e esfaqueado pouco depois da 1h30, num bar da Avenida 5 de Outubro, onde trabalhava, por um grupo de, pelo menos, cinco homens, com idades compreendidas entre os 19 e os 30 anos, todos residentes em Setúbal.

Depois de ter sido dado o alerta, a PSP de Setúbal conseguiu intercetar cinco suspeitos, que, entretanto, já foram entregues à PJ.

Fonte da PJ disse à agência Lusa que, para já, há pelo menos duas versões dos acontecimentos que culminaram no crime de homicídio.

Segundo uma das versões, a vítima, também residente em Setúbal, terá sida agredida e esfaqueada quando tentava interceder a favor de uma funcionária que estaria a ser incomodada por elementos do grupo. De acordo com uma outra versão relatada à PJ, a cena de pancadaria, que culminou com a morte do funcionário do bar, terá ocorrido quando este último pediu ao grupo de presumíveis suspeitos para desobstruírem um determinado local do bar.

Fonte da PJ admitiu ainda a possibilidade de os cinco homens serem formalmente detidos nas próximas horas para serem sujeitos a primeiro interrogatório judicial.

DN/LUSA

Opinião
Kevin Watkins

As crianças em idade escolar merecem almoços grátis

No momento em que começa um novo ano letivo para as crianças da Europa e dos Estados Unidos, os governos mundiais preparam-se para o seu próprio grande momento na educação. Na Cimeira das Nações Unidas para a Transformação na Educação (16 a 19 de setembro), têm uma oportunidade para resolver uma crise educativa global que foi amplificada pela pandemia de covid-19 e por níveis crescentes de pobreza e subnutrição infantis.

Deveriam começar por se mobilizarem em torno de uma causa antiga, mas com uma importância nova e urgente: o fornecimento de refeições escolares gratuitas a crianças que, de outra forma, teriam demasiada fome para aprender.

O encerramento de escolas devido à pandemia privou centenas de milhões de crianças de oportunidades de aprendizagem. Os países mais pobres fecharam as suas salas de aula por mais tempo que os países mais ricos, registando-se a perda de um a dois anos letivos inteiros em grande parte de África, Sul da Ásia e América Latina. E em países ricos e pobres as oportunidades de aprendizagem remota foram fortemente direcionadas para crianças de famílias mais ricas.

Com a reabertura das escolas, a escala das perdas de aprendizagem desencadeadas pelo encerramento das escolas está a ser totalmente revelada, juntamente com evidências de desigualdades cada vez maiores. Dados de países mais pobres apontam para declínios devastadores de níveis já de si abismais. O Banco Mundial estima que a proporção de crianças de 10 anos que não conseguem ler uma história simples aumentou de um nível pré-pandemia de 57% para mais de 70%. Um estudo recente no Malawi descobriu que sete meses de encerramento da escola levaram a uma perda de mais de dois anos de aprendizagem fundamental, com crianças a esquecerem conceitos dominados antes do confinamento.

Milhões de crianças estão a regressar agora à escola carregando o triplo fardo da perda de aprendizagem, aumento da pobreza e subnutrição. A fome estava a aumentar mesmo antes de a invasão da Ucrânia pela Rússia adicionar outra reviravolta inflacionária à crise global de alimentos. A aplicação das estimativas regionais da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação à África Subsaariana e ao Sul da Ásia sugere que 179 milhões de crianças em idade escolar viviam com fome em 2021 – um aumento de 35 milhões em relação a 2020. No caso de África, quase um quarto das crianças em idade escolar sofriam de subnutrição.

Essa crise também não se limita ao Sul global. Nos EUA, o número de crianças que vivem em lares que lutam para pôr comida na mesa aumentou dramaticamente em relação aos níveis pré-pandemia, de 12 milhões para 18 milhões. No Reino Unido, o debate sobre a crise do custo de vida concentrou-se principalmente nos preços da energia. Mas a inflação dos preços dos alimentos também reduziu o rendimento das famílias e deixou mais crianças com fome. A proporção de crianças que vivem em lares com insegurança alimentar no Reino Unido aumentou de 12% para 17% apenas no primeiro trimestre de 2022, de acordo com sondagens da Food Foundation. À medida que as contas de aquecimento e os custos dos alimentos aumentam, o Reino Unido enfrenta agora uma crise de fome infantil no outono.

Tanto para os países pobres quanto para os ricos a subnutrição representa agora uma barreira enorme – e em rápido crescimento – para a recuperação da aprendizagem. Como todos os pais e professores entendem, crianças famintas têm dificuldade em aprender. Ficam mais propensas a abandonar a escola, menos propensas a realizar o seu potencial e correm maior risco de ficarem presas em ciclos de privação ao longo da vida.

No entanto, existe um antídoto. Programas de refeições escolares gratuitas bem concebidos e devidamente financiados podem proteger as crianças contra a fome, desbloqueando os benefícios da educação. Há evidências contundentes de que a alimentação escolar pode aumentar a frequência da escola, reduzir as taxas de abandono e melhorar os resultados da aprendizagem, especialmente para as crianças mais pobres. Uma avaliação do programa do Gana descobriu que ele aumentou a aprendizagem média em geral, com as crianças que vivem em pobreza extrema a obterem os maiores ganhos – o equivalente a nove meses de escolaridade.

Os benefícios de programas eficazes de refeições escolares vão além da educação e atravessam gerações. O programa de Refeições do Meio-Dia da Índia – o maior programa de alimentação escolar do mundo – elevou os níveis de aprendizagem, criando, em parte, incentivos para manter as meninas no sistema escolar. Provas recentes mostraram que as meninas cobertas pelo programa também se casaram e tiveram filhos mais tarde, fizeram maior uso de serviços de saúde e tiveram filhos com menor probabilidade de atrasos no crescimento.

Antes da pandemia de covid-19, muitos países em desenvolvimento estavam a expandir os programas de refeições escolares, embora a partir de uma base baixa. Em África, onde cerca de um quarto das crianças era coberto por esses programas, os governos adotaram planos ambiciosos para expandir o acesso. Infelizmente, muitos desses planos foram arquivados, pois dívidas insustentáveis, crescimento mais lento e receitas reduzidas diminuíram o espaço orçamental dos governos, enfraquecendo o apoio às crianças num momento de necessidade desesperada.

Os países mais ricos puderam usar os seus programas de refeições escolares para proteger crianças vulneráveis durante a pandemia. Pela primeira vez nos seus 75 anos de história, o Programa Nacional de Refeições Escolares nos Estados Unidos foi disponibilizado para todas as crianças sem prova de recursos. E no Reino Unido o jogador de futebol Marcus Rashford persuadiu um governo relutante a fornecer apoio alimentar durante as férias escolares. Infelizmente, essas concessões estão agora a ser diluídas ou retiradas, mesmo com o aumento da fome.

O que é necessário agora é um movimento global para as refeições escolares. Na Cimeira para a Transformação da Educação deste mês, os governos devem comprometer-se com a meta de fornecimento universal de refeições escolares gratuitas.

> **Tanto para os países pobres quanto para os ricos a subnutrição representa agora uma barreira enorme – e em rápido crescimento – para a recuperação da aprendizagem.**

Para os países mais pobres, atingir essa meta exigirá apoio internacional. A School Meals Coalition estima que serão necessários 5,8 mil milhões de dólares por ano para restaurar os programas interrompidos pela covid-19 e expandir o fornecimento para mais 73 milhões de crianças. A cimeira oferece uma oportunidade para governos, doadores de ajuda, Banco Mundial e outros bancos multilaterais de desenvolvimento especificarem como preencherão as lacunas de financiamento. Eles devem começar por apoiar a proposta do ex-primeiro-ministro do Reino Unido Gordon Brown para um novo mecanismo de financiamento da educação.

Mas esta cimeira também deve ser para crianças em idade escolar vulneráveis à fome nos países ricos. O Fundo de Defesa da Criança pediu ao governo do presidente dos EUA, Joe Biden, que siga o exemplo da Califórnia e introduza refeições escolares gratuitas universais – uma oportunidade que desperdiçou na nova Lei de Redução da Inflação. No Reino Unido, nenhum dos candidatos a substituir Boris Johnson como primeiro-ministro mencionou a fome infantil como prioridade, muito menos estabeleceu uma agenda para expandir a alimentação escolar. Isso apesar do facto de que uma em cada três crianças britânicas em idade escolar que vivem na pobreza – 800 mil crianças – também não ter acesso a refeições escolares gratuitas.

Governos e ONG que participam da Cimeira para a Transformação da Educação foram incentivados a "reimaginar a educação". Na ausência de objetivos claros, uma estratégia viável e um sentido de propósito coletivo, isso parece um convite para mais conversa improdutiva.

Os participantes podem "reimaginar" tanto quanto quiserem. O que as crianças precisam, e têm o direito de esperar, é ação prática ousada e financiamento adequado para aliviar a fome e tornar a aprendizagem possível. Fazer menos do que isso seria uma farsa.

Kevin Watkins é ex-CEO da Save the Children UK e professor visitante no Instituto Firoz Lalji para a África, na London School of Economics.

Brunch com...

JOSÉ ANTÓNIO FALCÃO

HISTORIADOR DE ARTE E DIRETOR-GERAL DO FESTIVAL TERRAS SEM SOMBRA

"EM MONTEMOR-O-NOVO O TERRAS SEM SOMBRA VAI MOSTRAR DOIS TESOUROS DO PAÍS"

TEXTO **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Conheci José António Falcão, historiador que é também sinónimo do Festival Terras sem Sombra, há uns anos, num almoço na Embaixada da Hungria, um palacete com vista para o Tejo. Agora, por coincidência, tomamos este *brunch*, na realidade um lanche, no restaurante Este e Oeste, no Centro Cultural de Belém, com esplanada virada para o rio. "É um sítio com vistas sobre o Tejo, numa zona arejada, de que gosto muito, pela sua relação com o património e a natureza. O restaurante oferece uma ementa variada, que faz pontes entre o Ocidente e o Oriente, há um atendimento simpático dos clientes e os preços estão ao alcance do salário cada vez mais exíguo de um funcionário público. No CCB sinto-me em casa, é um magnífico equipamento cultural", diz José António, explicando a escolha. Claro que contou igualmente não ser muito longe do local habitual de trabalho, no Ministério da Cultura, no Palácio da Ajuda.

Mas se o Tejo está à vista, o grande tema da nossa conversa vai além dele, literalmente, pois é o Alentejo, nomeadamente o Terras sem Sombra, um conceito único, que conheço muito bem, e que junta música clássica e contemporânea com património e biodiversidade e tem marcado a maior região de Portugal. No fim de semana de 17 e 18 de setembro o festival, que já vai na 18.ª edição, estreia-se em Montemor-o-Novo e o seu diretor confessa que as expectativas são elevadas: "Voces Caelestes e Os Músicos do Tejo prepararam, com muito cuidado, um programa excecional, que reflete bem o minucioso trabalho de Sérgio Fontão, Marcos Magalhães e Marta Araújo. O local escolhido é também um sítio emblemático do Alentejo, a igreja do Convento de São Domingos. Além disso, vão ser abertas novas perspetivas para o conhecimento de dois tesouros do país, a Gruta do Escoural, com a paisagem arqueológica envolvente, e a serra de Monfurado. Faz parte da missão do festival Terras sem Sombra dar a conhecer as referências do património nacional, e estas são algumas delas."

Pausa para que nos coloquem na mesa as bebidas, sumo de manga e laranja para o meu convidado, limonada para mim. Para petiscar, *foccacia* e uma *bruschetta* de mozarela e tomate-cereja. Confesso a José António que estou com um final de dia mais complicado por causa das notícias sobre a saúde de Isabel II, pois se esta morresse – como acabou por acontecer – teria de ajudar numa edição especial do DN dedicada à rainha de Inglaterra, cuja primeira visita a Portugal, em 1957, permitiu ao jornal uma reportagem fotográfica que é um dos tesouros do nosso arquivo. Concordamos, claro, no peso simbólico da figura, uma mulher extraordinária que reinou mais de 70 anos e que era popular mundo afora. José António lembrou que ela era "uma amiga do nosso país".

De novo focados no próximo fim de semana em Montemor-o-Novo, que é a terra dos meus sogros, Daniel e Joaquina Tecedeiro, fico a saber o programa, que é gratuito e aberto a todos, sejam filhos da terra ou visitantes: "Sábado, 17, vamos encontrar-nos às 17h00 na Gruta do Escoural, para percorrermos esta e o território envolvente – a gruta não é uma peça isolada, faz parte de um *habitat* complexo, digno de atenção. Temos o privilégio de ser orientados por três grandes conhecedores do local, os arqueólogos António Carlos Silva, Carlos Carpetudo e Rui Mataloto. Às 21h30 será o concerto no Convento de São Domingos, em Montemor. Domingo, 18, às 9h30, partimos do Cineteatro Curvo Semedo, em autocarro, para a descoberta da serra de Monfurado, tendo como guias dois investigadores do montado, Ana Fonseca e José Mira Potes, outro elenco de exceção."

Um dia, numa entrevista de vida, José António, hoje com 61 anos, contou-me ser lisboeta mas descendente pelos quatro costados de alentejanos. Nasceu em Lisboa por razões clínicas, mas o Alentejo foi sempre, e cito, "a luz dos seus olhos". E quando lhe perguntei sobre a zona de origem familiar, respondeu-me: "Sou uma espécie de síntese dos quatro Alentejos. Hoje o que chamamos Alentejo central e que chamávamos Alto Alentejo, de Évora e do seu *hinterland*, que é a região da minha mãe, mas que também tinha ligação ao que chamamos hoje Alto Alentejo, Portalegre, Elvas, Campo Maior, e por outro lado muito o Baixo Alentejo, com epicentro em Beja, e o Alentejo litoral, onde não há uma capital bem definida."

Alentejano, pois, pelas raízes familiares, mas também pelas temporadas passadas em criança com os avós, que define como "lavradores", mas admite que outros prefiram dizer latifundiários. Mora, Santiago do Cacém, Sines, Odemira, Alcácer do Sal, Grândola, Évora e um pouco de Beja eram sítios por onde circulava, pois lá existem propriedades familiares. O próprio pai, Eduardo Falcão, engenheiro agrónomo, especializado em hidráulica agrícola, decidiu um dia voltar ao Alentejo para ser funcionário público e também cuidar das terras que viriam a ser dele e da mulher, Maria de Lurdes Mexia.

ILUSTRAÇÃO DE ANDRÉ CARRILHO

Profundo conhecedor do Alentejo, dos vários Alentejos, e ainda por cima historiador de créditos firmados, José António tem condições para me ajudar a compreender melhor a especificidade de Montemor-o-Novo, que é muito mais do que o castelo em ruínas, a Praça de Touros ou a Feira da Luz. "Montemor é um concelho vasto, que se situa num corredor estratégico para o país. Não podemos compreender a história de Portugal, desde um período anterior à nossa existência como nação até à PAC, sem considerarmos Montemor. Mas a cidade e a sua envolvente não contam só pela posição privilegiada, adquiriram um peso específico no quadro regional e nacional. Basta pensar no período dos séculos XV e XVI, em que a povoação atingiu a sua fase de maior opulência, tornando-se um epicentro do comércio regional e beneficiando da presença da Corte, em Évora. Aqui se realizaram as Cortes de 1495, nas quais D. Manuel I adotou a decisão de intensificar as navegações na direção da Índia – um passo decisivo para a globalização. Aqui nasceram ou viveram figuras que tiveram uma relevância deveras significativa na história peninsular, como São João de Deus ou Frei Luís de Granada. Mas Montemor não vive só do passado, é, à sua escala, uma potência agrícola, comercial, turística e até industrial, uma terra bem comunicada, orgulhosa dos seus valores e que não se deixa dormir à sombra de Évora; tem também sido, nas últimas décadas, um polo de intensa e qualificada criação artística", afirma.

Mas José António não se fica por aqui. Quase que encabulado, acrescenta: "Pessoalmente, aprecio imenso este concelho, revejo-me na sua idiossincrasia, um misto de tradição e modernidade que funciona bem. Podem acusar-me de estar a favorecer uma terra de que gosto e a que me ligam laços de família. Aceito a crítica. Desde que o meu tio João Mexia, casado com uma senhora de Montemor, me falava entusiasticamente da história do concelho, sendo eu bem pequeno, que fiquei com esse fascínio. Mas olhe que depois li o que importantes historiadores escreveram sobre a terra – autores da envergadura de Lopes Praça, Banha de Andrade, Túlio Espanca ou Jorge Fonseca –, e isso não fez mais do que confirmar o que já intuía. Bem, talvez seja o sangue também a falar. Em Montemor, tem-se avançado no estudo genealógico das famílias da zona. Não sou genealogista, mas respeito o trabalho dos genealogistas, importante para a história social, e não só. Acontece que os investigadores traçaram uma longa curva no tempo e entroncaram-me, como a outros, na descendência direta do irmão de São João de Deus, que se chamava, na vida civil, João Cidade. O professor Hernâni Cidade já tinha referido isso, mas ficou entretanto documentalmente comprovado. À primeira vista, é estranho ter-se um santo na família, mas, se analisarmos a situação da comunidade local, esse parentesco afigura-se algo bem compreensível. São João de Deus merece bastante atenção, recusou o *statu* familiar que lhe queriam impor, tornou-se militar e pastor antes de ser religioso, e, face aos desafios que o tratamento dos doentes colocava no seu tempo, ele que não era médico, nem enfermeiro, revolucionou a assistência hospitalar, especialmente a psiquiátrica."

Ainda meio surpreendido por saber estar a conversar com o familiar, embora distante, de um santo alentejano que viveu no século XVI e é o padroeiro dos hospitais (há um com o seu nome em Montemor-o-Novo), dos doentes e dos enfermeiros, pergunto como decorreu o último Terras sem Sombra, que foi no início do mês em Odemira e ao qual faltei, apesar de ter ficado fascinado no ano passado pela mistura entre cultura e paisagem.

"Muito bem, casa cheia, a rebentar pelas costuras, mas sobretudo deveras gratificante do ponto de vista artístico. Raul Sunico, filipino, é um vulto da pianística internacional e alia à projeção artística uma personalidade cativante. Discreto como só os grandes são, gostou imenso de Odemira e do projeto do festival. Sublinhou a preocupação de levarmos a música às comunidades locais. Muito interessantes também as atividades em São Teotónio, Vale de Santiago e São Luís, descentralizadas relativamente à sede do concelho. O município de Odemira teve a generosidade de recuperar a Igreja da Misericórdia, algo degradada, para a abrir com este concerto", responde-me José António. E, já agora, como será em Sines, último concelho da edição de 2022? "Fechamos com chave de ouro graças à presença da orquestra barroca Il Giardino Armonico, de Milão, sob a direção de Giovanni Antonini. Um clássico dos clássicos, com um programa centrado no tema 'Emoção e Razão na Música Italiana do Século XVII'. Vamos também conhecer a paisagem megalítica em torno de Sines e, avançando até Porto Covo, a biodiversidade dos Nascedios do Moinho, perto da Sonega, onde o Atlântico e o Mediterrâneo se encontram."

Historiador de arte, que completou com estudos de arquitetura e museologia, José António Falcão assume-se como conservador de museus, área a que dedicou boa parte da vida profissional. Na tal entrevista em 2019, mais biográfica, contou: "Comecei por trabalhar no Museu de Évora, depois na Casa dos Patudos, nos museus municipais de Alpiarça, uma terra a que continuo ligado por diversos laços, depois no Museu Calouste Gulbenkian e mais tarde tive a oportunidade, como responsável pelo Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, de organizar e montar oito museus, constituindo uma pequena rede museológica." Também escrever está nas suas paixões. E nestes últimos anos trouxe à luz uma edição em espanhol das *Cartas Portuguesas,* atribuídas a Mariana Alcoforado, publicada em Madrid pela editora La Umbria y la Solana, especializada em literatura portuguesa, que esgotou em poucas semanas ("há genuíno interesse dos leitores espanhóis pelo que se passa em Portugal", sublinha o autor). E tem no prelo outro livro, *Parecer e Ser,* a biografia de D. António Paes Godinho, um português que foi bispo de Nanquim no tempo de D. João V. "Esteve quatro vezes a postos, com todas as bagagens, para embarcar, em Lisboa, mas a crise nas relações diplomáticas entre o Papado e o imperador Kangxi impediu-o de atingir o território chinês. Formado na Universidade de Évora, foi recatado membro da Jacobeia. Mesmo sem ter saído de Portugal, contribuiu para as relações com a China", conta, sabendo o meu interesse pelas coisas da China e sobretudo das relações sino-portuguesas. Está atualmente a preparar um livro sobre a história oral de Santiago do Cacém. Colabora também, com A. Martins Quaresma, numa obra coletiva sobre o concelho de Ourique, "esse grande desconhecido". Com o mesmo colega historiador escreveu uma história de Odemira, publicada em três volumes, editada em 2021.

No mesmo almoço na embaixada húngara em que falei pela primeira vez com José António, conheci também a mulher, Sara Fonseca, que depois, a cada ida a um Terras sem Sombra, percebi ser a alma do festival. O marido mais do que concorda: "A Sara tem um papel essencial no festival, bem mais importante do que o meu. Ela coordena as vertentes executiva e logística do Terras sem Sombra, tarefas a que se entrega com o maior entusiasmo. Sempre me impressionou a sua capacidade para estabelecer pontes, mobilizar vontades e levar a cabo, realisticamente, projetos complexos. Ribatejana, encontrou no Alentejo uma vocação maior."

Alentejo, Alentejos. Confesso que para mim, setubalense e com ligação na região apenas a Montemor-o-Novo, o Terras sem Sombra me ajudou a descobrir realidades novas, como Ferreira do Alentejo ou a Vidigueira, nomeadamente Vila de Frades, onde num ano fui assistir a um grupo de canto coral americano, da Geórgia, e acabei por no ano seguinte lá voltar para uma reportagem sobre o vinho de talha.

"O festival Terras sem Sombra mostra o país real, apresenta o Alentejo tal qual ele é. Não nos importam tanto os lugares-comuns nem o que está hoje na crista da onda e amanhã já foi esquecido. Hoje passa tudo depressa, mas há um território que permanece, no seu todo, com as suas comunidades. São os nossos alvos. Tentamos contrabalançar, na medida do possível, o tremendo desequilíbrio que tem existido em Portugal no acesso a uma oferta musical qualificada. Os municípios assumem grande papel nisto, são os principais parceiros, parceiros muito ativos, a par da Direção-Geral das Artes e da Direção Regional de Cultura, e há uma sensibilização crescente para a necessidade de acolher uma rede cultural à altura das circunstâncias", diz José António. Sobre haver países convidados, como no passado recente o foram os Estados Unidos, a Hungria, a República Checa ou a Bélgica, a ideia é manter: "Sim, é um modelo bastante útil para a internacionalização do Alentejo e tem dado bons resultados. Tem permitido abrir muitas portas à região."

Voltando ao tema de Montemor-o-Novo, e para fechar a conversa, pergunto ao historiador: novo, mas não muito. De que época é o castelo? "Embora o local já fosse ocupado anteriormente, o castelo, tal como o conhecemos, remonta à época da Reconquista. A construção poderá ter sido iniciada ainda no tempo de D. Sancho I (1185-1211), que deu carta de foral a Montemor em 1203. Com D. Dinis (1279-1325), fizeram-se grandes trabalhos de ampliação, abrangendo a cerca da vila, terminada já por 1365. Houve novas campanhas de obras no século XV, a cargo do mestre de pedraria Afonso Mendes."

Despedimo-nos, com reencontro marcado para o dia 17 em Santiago do Escoural, onde vou finalmente conhecer uma gruta da qual se dizem maravilhas por causa da arte rupestre paleolítica.

leonidio.ferreira@dn.pt

> **"O FESTIVAL TERRAS SEM SOMBRA MOSTRA O PAÍS REAL, APRESENTA O ALENTEJO TAL QUAL ELE É. NÃO NOS IMPORTAM TANTO OS LUGARES-COMUNS, NEM O QUE ESTÁ HOJE NA CRISTA DA ONDA E AMANHÃ JÁ FOI ESQUECIDO. HOJE PASSA TUDO DEPRESSA, MAS HÁ UM TERRITÓRIO QUE PERMANECE, NO SEU TODO, COM AS SUAS COMUNIDADES. SÃO OS NOSSOS ALVOS. TENTAMOS CONTRABALANÇAR, NA MEDIDA DO POSSÍVEL, O TREMENDO DESEQUILÍBRIO QUE TEM EXISTIDO EM PORTUGAL NO ACESSO A UMA OFERTA MUSICAL QUALIFICADA. OS MUNICÍPIOS ASSUMEM GRANDE PAPEL NISTO, SÃO OS PRINCIPAIS PARCEIROS, PARCEIROS MUITO ATIVOS, A PAR DA DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES E DA DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA. E HÁ UMA SENSIBILIZAÇÃO CRESCENTE PARA A NECESSIDADE DE ACOLHER UMA REDE CULTURAL À ALTURA DAS CIRCUNSTÂNCIAS", DIZ JOSÉ ANTÓNIO FALCÃO.**

O famoso questionário Proust respondido pelo secretário-geral da Apritel – Associação dos Operadores das Comunicações Eletrónicas, Pedro Mota Soares

"Os meus heróis da vida real são Jesus Cristo e todos os que o querem imitar"

A sua virtude preferida?
As virtudes universais.

A qualidade que mais aprecia num homem?
A inteligência.

A qualidade que mais aprecia numa mulher?
Também a inteligência, que é uma qualidade conjugada no feminino.

O que aprecia mais nos seus amigos?
O bom da amizade é o dom da amizade.

O seu principal defeito?
A impaciência.

A sua ocupação preferida?
Correr.

Qual é a sua ideia de "felicidade perfeita"?
Poder estar em família. Dito de outra forma, a felicidade que resulta do que construímos.

Um desgosto?
Ter perdido o meu pai.

O que é que gostaria de ser?
Feliz, e, se não estou lá, estou a caminho…

Em que país gostaria de viver?
Portugal. Cada vez mais convicto disso mesmo.

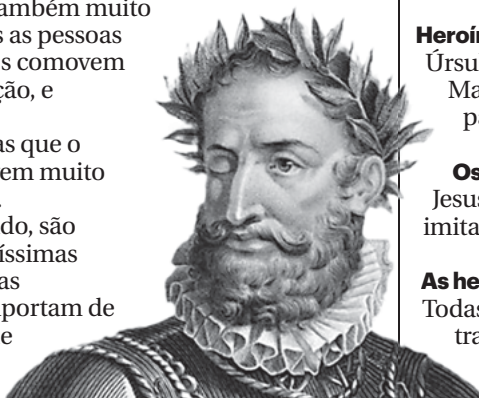
A cor preferida?
Azul, "O céu do mundo, uma luz para nos salvar."

A flor de que gosta?
A flor da esteva.

O pássaro que prefere?
O canto do rouxinol. Mas ultimamente ouço mais o pássaro do Twitter.

O autor preferido em prosa?
Jorge Luis Borges. Tão argentino que valorizou as raízes portuguesas para não parecer espanhol.

ORLANDO ALMEIDA / GLOBAL IMAGENS

Poetas preferidos?
Shakespeare, Goethe, Camões, Pessoa e, mais recentemente, Amalia Bautista: "No fundo, são muito poucas as palavras que nos doem de verdade, e muito poucas as que conseguem alegrar a alma. E são também muito poucas as pessoas que nos comovem o coração, e menos ainda as que o comovem muito tempo. No fundo, são pouquíssimas as coisas que importam de verdade na vida: poder amar alguém e que nos amem, nunca morrer depois dos nossos filhos."

O seu herói da ficção?
O Conde Rostov, a.k.a., "Um Gentleman em Moscovo".

Heroínas favoritas na ficção?
Úrsula Iguarán, matriarca de Macondo, que era suposto ser um patriarcado.

Os heróis da vida real?
Jesus Cristo. E todos os que o querem imitar.

As heroínas históricas?
Todas as mulheres que pelo seu trabalho, esforço e coragem querem deixar os seus filhos num mundo melhor.

Os pintores preferidos?
Os impressionistas e os pós-impressionistas. De Portugal, Amadeo e Paula Rego.

Compositores preferidos?
Bach e, a uma longa distância, os outros que passam nas minhas *playlists*.

Os seus nomes preferidos?
Maria e Pedro.

O que detesta acima de tudo?
A cobardia.

A personagem histórica que mais despreza?
Hitler, Estaline, Mao, Pol Pot. Todos os ditadores do século XX que transformaram e reduziram a perda de vidas humanas a uma estatística.

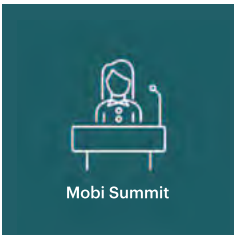
O feito militar que mais admira?
Batalha das Termópilas. O dia em que começou a Europa.

O dom da natureza que gostaria de ter?
O mesmo com que a natureza brindou a rainha Isabel.

Como gostaria de morrer?
Citando um génio do humor português, que queria ter como epitáfio: "Aqui jaz Raul Solnado, mas muito contra a sua vontade."

Estado de espírito atual?
Sereníssimo.

Os erros que lhe inspiram maior indulgência?
Os que derivam da condição humana.

A sua divisa?
Não cometer os sete pecados sociais de Gandhi: política sem princípios, riqueza sem trabalho, prazer sem consciência, conhecimento sem caráter, comércio sem moral, ciência sem humanidade, religião sem sacrifício.

Lisboa XL

AGENDA Até segunda-feira não falta cinema de terror para ver em Lisboa. Loures destaca os animais de companhia no AnimalFest, enquanto a Moita tem uma corrida de oito quilómetros. Já no Seixal, um concurso de guitarra vai premiar a melhor obra de composição. E a emigração portuguesa será um dos temas fortes da próxima edição do Amadora BD.

TEXTO **INÊS DIAS**

AnimalFest anima parque de Loures

Durante a tarde de hoje Loures vai receber o AnimalFest, "um evento de cariz solidário destinado a proporcionar a todos os amantes de animais um dia diferente, com várias atividades". A iniciativa decorre entre as 15h00 e as 22h00 no Parque Adão Barata e terá demonstrações de cães, encontro de raças, *street food* e também animação infantil.

MOTELX: 7 dias de terror em Lisboa

Até segunda-feira, a 16.ª edição do MOTELX – Festival Internacional de Cinema de Terror de Lisboa vai celebrar a produção nacional deste género cinematográfico no cinema São Jorge e na Cinemateca. Da programação deste festival constam mais de 100 filmes, vários em estreia, mas também cineconcertos, *masterclasses* e *workshops*.

Amadora BD olha para emigração

A emigração portuguesa, o mundo rural e a visibilidade feminina são temas em destaque no Amadora BD 2022. A 32.ª edição do festival de banda desenhada e *cartoons* decorre entre 20 e 30 de outubro e enquadra-se na agenda da Temporada Cruzada Portugal-França, um programa de intercâmbio cultural que une os dois países e termina em outubro.

8 km para correr na Moita

No âmbito das Festas em Honra de Nossa Senhora da Boa Viagem, o município da Moita vai organizar hoje a atividade ATLETISMOITA, que tem como objetivo uma corrida de oito quilómetros ribeirinhos, a começar pelas 17h00. Esta prova é aberta a participantes de ambos os sexos, federados ou não federados, individuais ou coletivos.

Seixal. O melhor das guitarras

De 23 a 30 de setembro o Seixal vai receber o 2.º Concurso Internacional de Composição para Guitarra de Portugal. De cerca de 80 obras, provenientes de 32 países de quatro continentes, foram escolhidas 19, que estarão representadas na final. A votação será feita pelo membro de honra do júri, o compositor cubano Leo Brouwer.

Porto XL

ROTEIRO Com o arranque de mais um ano letivo volta também o horário de inverno no Metro do Porto já a partir de domingo, dia em que se disputa a 7.ª Corrida Porto de Leixões. Porto Fancy Women Bike Ride vem celebrar o Dia Europeu sem Carros. Em Gaia decorre campanha para vacinação de animais. Maia teve de adiar Festival da Francesinha.

TEXTO **JOANA ABREU**

Maia adia Festival da Francesinha

As previsões de mau tempo para este fim de semana na área do Porto levaram a Câmara da Maia a adiar o arranque do Festival da Francesinha, que promove um dos pratos mais reconhecidos da região. As novas datas foram entretanto anunciadas e o festival deverá acontecer de 7 a 16 de outubro, no Parque Central da Maia. A entrada no recinto será livre (só se paga o que se consumir).

Porto. Reforço nas linhas E e D do Metro

A Metro do Porto volta amanhã ao horário de inverno. Os horários baseiam-se na oferta praticada antes do verão, com a novidade da manutenção do reforço da Linha Violeta (E) – frequência de 15 minutos das 7h00 às 20h00 – e da disponibilização de 11 circulações/sentido/hora na Linha Amarela (D) nos dias úteis, também das 7h00 às 20h00.

7.ª Corrida Porto de Leixões

A Corrida Porto de Leixões, a disputar amanhã, está a ser organizada pela Administração dos Portos do Douro, Leixões e Viana do Castelo (APDL) e pela EventSport, em colaboração com o Centro de Cultura e Desporto da APDL. A prova, que se realiza dentro do porto, divide-se numa corrida de 10 km e numa caminhada de 5 km.

Porto Fancy Women Bike Ride

Fancy Women Bike Ride é um movimento, um passeio anual de bicicleta organizado por mulheres para mulheres, mas onde todos podem participar. O evento deste ano será no domingo, 18 de setembro, e, além do Porto, acontecerá em mais de 150 cidades por todo o mundo na Semana Europeia da Mobilidade, em que se celebra o Dia Europeu sem Carros.

Vacinação antirrábica em Gaia

A raiva é uma doença mortal e transmitida ao homem. Até 8 de outubro, a campanha de vacinação antirrábica e identificação eletrónica de animais vai estar nas ruas de Gaia. É possível consultar o calendário da vacinação no *site* da Camâra Municipal de Vila Nova de Gaia. A vacina da raiva tem o custo de 10 euros e o *microchip* de 2,5.

Omar Samad

"A solução para o Afeganistão está em resistir a outra guerra"

DIPLOMATA Antigo embaixador afegão no Canadá e em França, Omar Samad foi conselheiro de Abdulhah Abdullah, ex-primeiro-ministro e uma das figuras históricas da oposição ao regime talibã. O DN falou com ele sobre a situação no Afeganistão, numa passagem por Lisboa.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Disse em entrevista, há uns meses, que, se existiu alguma lua-de-mel com os talibãs, já acabou. Houve mesmo uma lua-de-mel com os talibãs por parte da sociedade afegã ou da comunidade internacional?
A lua-de-mel pós-colapso a que eu me referia está ligada às negociações que estavam a acontecer antes. Houve um processo político em Doha, no Qatar, que envolveu um debate intra-afegão. Era suposto que esse debate conduzisse a um governo interino e, no último dia do chamado regime republicano, era suposto que o senhor Karzai, o senhor Abdullah e a restante delegação viajassem para Doha, pois tinham luz verde dos dirigentes políticos de Cabul para negociar um acordo para um governo interino de transição. Isso foi basicamente desfeito pelo presidente Ashraf Ghani, que decidiu abandonar o país no último minuto e tudo colapsou. Claro que os talibãs já tinham avançado e tomado quase todo o país nessa altura. A ideia era que eles ficassem fora de Cabul enquanto os outros chegavam a um acordo político. A lua-de-mel significa que os talibãs e outras forças políticas, mas principalmente os talibãs, porque eles se tinham tornado os dirigentes, tiveram a oportunidade de dar continuidade a esse processo. Acho que ainda hoje algumas pessoas pensam que há uma janela para os talibãs concordarem com alguma espécie de acordo que fosse um seguimento do processo de Doha conducente a uma partilha de poder e a um governo que fosse mais representativo, não apenas talibã. No último ano essa oportunidade diminuiu pela forma como os talibãs decidiram governar. Ainda temos muitas perguntas sobre qual o caminho que isto vai levar em termos do sistema e da nova ordem política. Irá ser uma ordem política puramente talibã ou irá ser mais inclusiva? É a grande pergunta. Foi essa a minha referência a oportunidades – uma oportunidade que existiu e que penso ter sido reduzida pela realidade atual. Devo acrescentar que essa oferta de oportunidade não tem apenas um lado, tem dois – a comunidade internacional também teve a oportunidade de, em vez de sanções, ter tido talvez uma abordagem mais conciliatória e empurrar os talibãs em direção a um sistema mais inclusivo. O que aconteceu foi que ambos os lados mostraram relutância extrema em se envolverem e quiseram mostrar que tinham meios para castigar o outro lado ou usar as suas vantagens sobre ele.

Em agosto do ano passado, quando os talibãs chegaram ao poder após a retirada americana, havia aquela ideia de que estes seriam uns "neo-talibãs", que não iriam repetir os erros dos anos 90, que seriam mais aceitáveis para a comunidade internacional, mas todas as notícias que chegam do Afeganistão é que eles estão a fazer exatamente o mesmo. Também é a sua avaliação?
A minha avaliação, tendo vindo a segui-los desde meados dos anos 90 até hoje, é a de que em primeiro lugar não sabemos nada. Pensamos que sabemos, algumas pessoas talvez saibam, mas não acho que no geral saibamos o suficiente sobre os meandros dos talibãs, o seu processo de tomada de decisões e influências que estão a fazer a diferença.

> *"Acredito que todos os esforços, sejam afegãos, regionais, internacionais, dada a nossa realidade atual, devem focar-se em encontrar um acordo político, uma solução política para um conflito tão antigo, o que não significa um governo unicamente talibã."*

Influências internas ou externas?
Externas e internas. Não sabemos o suficiente, fingimos que sabemos, e é aí que erramos. Em segundo lugar, vejo uma parte dos talibãs de 1990 ainda a influenciar os acontecimentos, a velha guarda. Depois, vemos uns novos talibãs, que evoluíram ao longo dos últimos 20 anos, como resultado da presença dos Estados Unidos no Afeganistão e da sua decisão de sair. O que vemos também é uma mudança geracional e de mentalidade em algumas camadas dos talibãs, nas que estiveram mais expostas à educação, às viagens e ao mundo. Há talibãs, muitos, segundo algumas pessoas, que são a favor de que todas as raparigas vão à escola, e depois há uma pequena parte da velha guarda que não, o que torna as coisas complicadas, porque é uma mistura de interpretação islâmica, cultura tribal e mentalidades que impede que as raparigas – todas – vão à escola a partir dos 12 anos. Isto levanta várias questões – temos a mesma mentalidade, sim, mas também mudanças e diferenças que vão além da superfície entre os talibãs dos anos 90 e os pós-2020.

Portanto, a ida das raparigas à escola depende da idade, eles permitem que as mais novas frequentem o ensino, mas as mais velhas já não?
As adolescentes não podem frequentar as escolas secundárias públicas, mas podem ir para privadas.

E em relação às universidades?
As universidades são segregadas, as raparigas só podem frequentar as exclusivamente femininas, mas podem ir para a universidade.

Em relação ao mundo do trabalho, as mulheres podem trabalhar?
Eles são seletivos. Em alguns casos, os talibãs aceitaram que as mulheres possam trabalhar, noutros decidiram que as mulheres devem ficar em casa, mas recebendo os seus salários. Portanto, a situação das mulheres não é igual à dos anos 90, também está a evoluir. Ainda não ouvimos a palavra final dos talibãs sobre certas questões.

Também há notícias de mulheres em Cabul que protestam contra a liderança talibã. Isso significa que há algum nível de liberdade, de surgimento de uma sociedade civil?
Uma das conquistas dos últimos 20 anos foi a emergência e evolução da sociedade civil, incluindo os *media*, e as mulheres fazem parte dessa mudança. Aquilo que se tem visto nas últimas semanas é esporádico, de alguma forma simbólico, são expressões de frustração, de vontade de mudança de políticas e, em alguns casos, talvez de outros motivos, como a vontade de encontrar uma maneira de sair do país. Noutros casos existem objetivos políticos e cívicos de querer mandar uma mensagem e mostrar ao mundo e ao povo que estes pequenos grupos de mulheres são maioritariamente educados e pertencem às elites urbanas do passado e estão a expressar um ponto de vista. São ações que ecoam e atraem as atenções. Assim, depende das motivações, mas é um ponto importante, embora não represente 20 milhões de mulheres afegãs, pode representar uma pequena parte delas.

E quanto às minorias? As linhas políticas são também linhas étnicas?
A um certo nível o país tornou-se o Afeganistão do passado, ou seja: no Afeganistão pré-guerra, anterior a 1978, tínhamos preocupações étnicas até na justiça, mas a etnicidade nunca foi um motor político fundamental. Tornou-se tal depois de 1978, de cada vez que entrávamos numa crise, porque o país manteve-se instável e houve muito poucas tentativas – com a exceção talvez de Karzai –, muito pouco esforço para unir as pessoas sob uma bandeira, uma nação, uma Constituição, para dar direitos iguais aos cidadãos. Ghani fingia acreditar nesses valores, mas as suas políticas eram extremamente divisoras e uma dessas categorias de divisão tinha a ver com preferências étnicas. Ele era antropólogo de formação e penso que uma das razões por que foi escolhido foi por ser visto, principalmente em Washington, como uma pessoa que podia compreender e gerir melhor a sociedade afegã. O que eles não conseguiram compreender foi que a estratégia de Ghani não era unir, enquanto a de Karzai era. Ghani foi, antes de mais, egoísta e, em segundo lugar, a sua preocupação era como governar dividindo, seguindo a tradição britânica de dividir para reinar.

Lembro-me que as primeiras notícias sobre os talibãs nos anos 90 eram de que era um movimento pastune e que todos os líderes eram pastunes. Continua a ser assim? Como é que este novo governo talibã lida com as questões étnicas?
Eles amenizaram a questão. Acho que aprenderam a lição do passado em relação às questões étnicas. Perceberam que cometeram alguns erros no passado, especialmente com a destruição dos Budas, em Bamyian. É preciso recordar que nos anos 90 estávamos envolvidos numa guerra civil que nunca acabou, o que foi um dos erros que cometemos, nunca ter resolvido este problema quando tivemos a oportunidade depois do 11 de Setembro. A guerra civil continuou, enquanto fingíamos que tinha acabado. As-

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

sim, os talibãs entraram em palco nos anos 90, numa altura em que o país estava basicamente no caos. Quando falo de guerra civil, quero sublinhar que esta nunca é puramente doméstica, envolve também a região, devido à nossa geografia, à nossa localização, às influências e à relação que existe entre os nossos vizinhos a norte e o nosso povo, entre os nossos vizinhos a ocidente e a oriente.

E essas potências também desempenham um papel ainda hoje?

Sem dúvida. Quando olho para a mistura invasora, vejo que as guerras no Afeganistão nunca são inteiramente domésticas nem inteiramente estrangeiras, são uma mistura das duas. E a etnicidade, nesse ponto, torna-se uma questão.

Os talibãs estão a tentar agora ser mais inclusivos?

Tentam ser mais inclusivos e têm vários desafios nas mãos. Tentam envolver toda a gente, muito mais do que costumavam; ocasionalmente, nomeiam pessoas de outros grupos, mas, no meu ponto de vista, não é suficiente. Eles têm um problema porque a liderança talibã, o processo de tomada de decisões, está apenas nas mãos dos pastunes, e, mesmo na comunidade pastune, está limitada a certas tribos.

Na liderança da oposição há uma tendência para copiar o passado – ir buscar os mujaedines que derrotaram os soviéticos, sobretudo os tajiques, seguidores de Shah Massud. Esta não é a solução para o futuro?

A solução está na ideia de resistir a uma outra guerra. Voltar à resistência armada neste ponto em que os talibãs têm praticamente o controlo total do país…

Controlam todo o território?

Diria que sim. Há questões esporádicas em certas partes do país, mas nada sério nesta fase. Acredito que todos os esforços, sejam afegãos, regionais, internacionais, dada a nossa realidade atual, devem focar-se em encontrar um acordo político, uma solução política para um conflito tão antigo, o que não significa um governo unicamente talibã. Dito isto, é possível que possamos chegar a um ponto no futuro, depois de esgotados todos os outros meios, em que não haja outra opção que não recorrer à resistência armada. Há outra teoria que diz que se deve fazer ambas as coisas – fazer uma oposição armada e uma oposição não armada em paralelo aos talibãs, para que se possam ajudar. Eu não vejo, na verdade, a situação no país conducente a essa abordagem de forma que possa ter sucesso, e a razão é que sempre que usamos todos os meios que temos os talibãs vêm e esmagam os civis inocentes para se certificarem de que não há oposição emergente dentro do país. Eles não se importam que ela exista fora do país, desde que não surja no território. Assim, essa teoria da abordagem militar e não militar em simultâneo é, na minha opinião, extremamente prejudicial para o povo e os civis do país.

Em relação às grandes potências: os EUA decidiram sair do Afeganistão, a Rússia, surpreendentemente, movimentou-se no sentido de exercer alguma influência e a China é provavelmente o país que tenta ter mais peso. Podemos falar de um novo tipo de grande jogo, com três potências a tentarem influenciar?

Penso que nenhuma grande potência está totalmente fora de jogo, mesmo depois da retirada militar no ano passado da NATO-Estados Unidos. O Afeganistão é fulcral nesta região do mundo, pois existem demasiadas variáveis que o tornam importante. Em primeiro lugar, é uma questão de segurança e contraterrorismo, pois ainda existem muitas ameaças na região. A questão é como é que os talibãs vão lidar com isso e como vão gerir o assunto. Segundo o acordo de Doha, os talibãs têm de evitar que grupos como a Al-Qaeda usem o Afeganistão como base contra outros países. Agora temos de ter muito cuidado com a linguagem, com cada palavra e com a forma como as coisas são expressas – usar o Afeganistão como base, permitir que os grupos terroristas internacionais se organizem, é uma coisa, mas ver se alguns ex-membros da Al-Qaeda, retirados talvez, vivem no Afeganistão, casaram com pessoas da comunidade local e vivem lá é outra. Isso levanta a questão sobre se o líder da Al-Qaeda morto estava como operacional ativo contra os EUA ou se estava simplesmente reformado... não sabemos. Existe um compromisso dos talibãs, mas a pergunta é até que ponto levam esse compromisso a sério, como é que vão gerir esta situação e de que lado ficarão? Essa pergunta é colocada pelos chineses, pelas suas próprias razões, os russos têm as deles, os iranianos e outros também, até o Paquistão. O Paquistão, que é conhecido por ser tradicionalmente um apoiante dos talibãs, tem uma questão com eles sobre os talibãs paquistaneses.

Todos têm receio de que possa haver alguma espécie de terrorismo?

Enquanto sentirem que pode haver uma ameaça credível à segurança vinda de certos grupos que tenham uma presença dentro do Afeganistão, essa é uma questão com que os talibãs vão ter de lidar.

Mas os Estados Unidos, a Rússia e a China, tendo o mesmo tipo de preocupações, estão mesmo assim em competição no Afeganistão?

Bom, há duas maneiras de abordar isso. Depois do 11 de Setembro, decidiram não estar em competição, decidiram apoiar-se uns aos outros em termos de lutar, ou apoiar a luta, contra um inimigo que todos concordam ser uma ameaça. Talvez uns mais e outros menos... Mas ao longo dos últimos 10 anos esta noção de consenso basicamente desapareceu entre as grandes potências. Os chineses, os russos e outros têm as suas preocupações particulares sobre isso, contra os americanos e o Ocidente. A segurança é uma questão com as grandes potências. Outra tem a ver com a economia, por exemplo na forma como um país como a China se quer conectar com o resto do mundo e com a região. Há alguns anos os americanos tentaram contornar, mas isso basicamente falhou, porque eles estavam a operar num ambiente bastante adverso. Portanto, aquilo que estamos a ver é obviamente competição. Todos eles sabem que o Afeganistão pode ser muito pobre agora mas tem potencial para ser muito rico, devido aos minérios no subsolo. Minérios altamente necessários, que alguns dizem valer 3 biliões de dólares. Isso no futuro pode mudar a natureza da concorrência na região, dependendo daquilo que a China fizer, de como o Ocidente responder e de outros países na zona. Outro aspeto da rivalidade entre as grandes potências tem a ver com os novos cenários este-oeste – o que está a acontecer na Ucrânia, com a Rússia e a China a parecerem agora do mesmo lado, contra o que americanos e europeus tencionam fazer em termos de enfraquecimento da Rússia. Isso tem impacto em países como o Afeganistão, porque esta ainda pode ser uma zona de instabilidade. Desse ponto de vista, o Afeganistão, historicamente, nunca conseguiu ser totalmente livre – com poucas exceções – da influência das potências. Como será o futuro tenho dificuldade em dizer, mas essas duas arenas vão continuar.

Como diplomata afegão e antigo conselheiro de Abdulhah Abdullah, pertencendo a um país com tantos problemas, é possível dizer-se que se sente otimista acerca do futuro?

Estou extremamente preocupado com o futuro do meu país, especialmente dada a negra e desafiante situação humanitária, o facto de as mulheres do Afeganistão não terem acesso aos seus direitos mais básicos, e não estou a falar dos padrões ocidentais desses direitos. Preocupa-me que um país com tanto potencial não o consiga atingir e tirar partido dele, não só para o seu próprio bem, mas também para o bem dos outros. Estou extremamente preocupado com o facto de não termos conseguido encontrar uma solução política estável para os problemas existentes, quer a nível interno quer a nível regional e geopolítico. Historicamente, houve épocas em que o Afeganistão foi um país estável, porque era um Estado-tampão. Num determinado momento foi estável porque era neutral entre o Ocidente e o Leste. Temos de encontrar uma nova estabilidade para o país, e é por isso que falo de uma solução não militar, pois de cada vez que entra em jogo o elemento militar o país desestabiliza. É um país onde mais de dois milhões de pessoas morreram nas últimas duas gerações, a minha geração só viu isso. Tenho idade suficiente para me lembrar dos anos 60 e 70, lembro-me da estabilidade, da paz e do progresso, mas também vi várias fases de declínio e caos. Portanto, quero descobrir um caminho para sair disso através do envolvimento político e de meios pacíficos, mas também compreendo que somos um país muito dependente e temos de nos tornar mais autossustentáveis. Conseguirão os talibãs governar com eficácia? É uma grande pergunta. Conseguirão ser mais abertos? É uma grande pergunta. Conseguirão desempenhar um papel mais construtivo? São todas perguntas com as quais lidamos neste momento. E como fazer com que isso aconteça? Eu vejo uma oportunidade para, realisticamente, tentarmos encontrar uma solução afegã, que poderá não ser a preferida, não ser a melhor, mas que seja um solução relativamente melhor do que o que temos.

leonidio.ferreira@dn.pt

Rússia reforça as suas tropas após avanço ucraniano no Nordeste

GUERRA O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, garantiu que o envio de reforços russos demonstra que Moscovo paga um "alto preço" pela invasão da Ucrânia.

O exército russo anunciou ontem ter enviado reforços para a região ucraniana de Kharkiv, em resposta a um aparentemente bem-sucedido avanço das forças de Kiev nesta zona de fronteira. Autoridades ucranianas afirmaram na quinta-feira ter reconquistado nos últimos dias 700 km^2 na região Nordeste, especialmente na cidade de Balaklia, além de 20 localidades.

O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, afirmou no mesmo dia que o envio de reforços russos demonstra que Moscovo paga um "alto preço" pela invasão da Ucrânia, lançada há mais de seis meses.

O Ministério russo de Defesa anunciou a mobilização de forças nesta região e divulgou um vídeo que mostra vários camiões a transportar canhões e blindados.

O funcionário da administração da ocupação russa Vitali Ganchov mencionou na televisão estatal "combates ferozes" em torno da cidade de Balaklia. "Já não controlamos Balaklia. Estamos a tentar dispersar as forças ucranianas, mas os combates estão intensos e as nossas tropas permanecem nos arredores", afirmou.

"Romper as defesas"

Segundo Ganchov, combates também são travados nas proximidades de Shevchenkove, na mesma região de Kharkiv. "Neste local, as forças armadas ucranianas também tentam romper as defesas. Foram enviados reforços da Rússia, as nossas tropas estão a reagir", vincou. A estrada que liga Kharkiv a Balaklia estava aberta à circulação ontem de manhã, segundo a AFP. É uma área que o exército ucraniano parece ter reconquistado após combates nos últimos dias.

Camiões russos transportam canhões e blindados.
EPA/MINISTÉRIO DA DEFESA RUSSO

Kharkiv, capital da região homónima e segunda cidade da Ucrânia, fica muito próxima da fronteira com a Rússia e esteve na linha da frente desde a invasão russa, a 24 de fevereiro. Além do avanço na região, Kiev reivindicou uma série de reconquistas no Leste e Sul, com vários territórios retomados. Se confirmadas, seriam as mais importantes para a Ucrânia desde a retirada das tropas russas dos arredores de Kiev, no fim de março.

Na bacia do Donbass, onde se travaram os mais intensos combates nos últimos meses, Kiev anunciou na quinta-feira um avanço de 2 a 3 km em direção a Kramatorsk e Sloviansk.

O secretário de Estado de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, elogiou as recentes conquistas da Ucrânia e destacou que as entregas ocidentais de armas conseguiram "mudar a dinâmica no campo de batalha". Blinken viajou para Bruxelas para participar na reunião da NATO para reforçar a "unidade" dos seus membros, com o objetivo de "garantir que a nossa aliança seja forte o necessário para dissuadir a Rússia de qualquer nova agressão".

DN/AFP

Opinião
Patrícia Akester

Em nome da paz: procura-se com urgência um novo Gorbachev

"Teremos um futuro para todos ou futuro nenhum."
Gorbachev, 2005

Rússia, a Europa e o mundo enfrentam um momento decisivo. Volvidos seis meses de guerra, a retórica ocidental encontra-se repleta de referências à necessidade de investir em armamento, equipamentos, munições, exército, hostes e forças militares. É natural. Acção gera reacção; comportamento gera comportamento. A linguagem da paz perde naturalmente peso num contexto em que Putin não se encontra, em boa verdade, aberto a um diálogo que não reconheça a sua regência absoluta e a submissão ucraniana e em que imperam a destruição e a retaliação bélica e não bélica. A União Europeia encontra, pois, lógica resposta no reforço de planos de defesa nacionais e na configuração de uma política palpável de defesa comum, mas cabe à Rússia, em bom rigor, descalçar a proverbial bota. Já o fez antes.

Após anos seguidos de profunda escuridão política, económica e social, foi reconhecido por quem de direito que o país requeria outro rumo, um destino regido por princípios democráticos, pela reverência pelos direitos humanos, no âmbito de um Estado de direito. Muitos, como Vladimir Putin, não se afeiçoaram ao percurso encetado por Gorbachev, invocando, ao invés, um conceito de patriotismo que reivindica a restauração da glória soviética. E a guerra em curso não é senão um exemplo de actuação que faria sentido na antiga União Soviética, ao visar o desmantelamento e a subjugação de uma nação mais fraca, ainda que com grandes riscos económicos e sociais, porque o que interessa é que os tentáculos imperiais russos se alastrem, expandam, alarguem e irradiem.

Conhecemos essa narrativa de guerras passadas, de animosidade ditada por divergências políticas, incompatibilidades ideológicas ou antagonismos religiosos. Não é desejável. Imperiosa é a defesa dos direitos e liberdades de indivíduos e nações através do diálogo, e não do recurso a meios bélicos.

No clima geopolítico actual, talvez a lição mais valiosa a extrair do percurso político de Gorbachev é que certo tipo de líder pode mudar o rumo da História, mesmo quando tal parece impossível. Assim aconteceu sob a égide de Gorbachev, que declarou os direitos humanos como valores universais e não apenas ocidentais, acreditando genuinamente que através da *glasnost* e da *perestroika* reformaria uma economia disfuncional e falida e eliminaria a repressão brutal que caracterizava o sistema comunista.

As lições de ontem relevam hoje. Então, como agora, é necessária uma mudança no topo da pirâmide hierárquica russa: um novo líder, uma nova voz que dê corpo a valores, princípios e normas manifestamente basilares, humanos e universais, que substitua o paradigma político, que caminhe do totalitarismo para a democracia.

O presente surge como possibilidade de actuação e o futuro invoca algo por moldar em nome da paz. Paz fundamental, paz genuína, paz para todos, não apenas agora, e sim para sempre, fruto do esforço de muitas nações, soma de muitos actos, no seio de um processo dinâmico e não estático, que se deve adaptar aos desafios de cada geração (parafraseando Gorbachev, que, por sua vez, citava JFK).

Fácil não é, mas a humanidade não "teria alcançado o possível se, repetidas vezes, não tivesse tentado o impossível" (Max Weber).

A linguagem da paz perde naturalmente peso num contexto em que Putin não se encontra, em boa verdade, aberto a um diálogo.

Nota: A autora não escreve de acordo com o novo acordo ortográfico.

Fundadora de GPI/IPO, Gabinete de Jurisconsultoria e Associate de CIPIL, University of Cambridge.

Opinião
Mirko Stefanovic

Acordo ineficaz

As discussões entre os EUA e Israel sobre o acordo nuclear com o Irão continuam, tornando-se mais agressivas de ambos os lados. Os EUA ainda esperam conseguir o acordo, mas estão a enviar algumas mensagens muito confusas a Teerão sobre o momento de lá chegar, quando as coisas parecerem positivas, e depois afinal não. Por algum tempo, o acordo esteve iminente e depois tornou-se não tão iminente, como resultado das exigências iranianas, principalmente sobre as garantias de que o novo acordo não será abandonado depois de algum tempo, como o anterior, e o direito dos inspetores internacionais a verificarem quaisquer locais naquele país do Médio Oriente que eles considerem poder ser uma potencial central nuclear secreta.

Israel, por seu lado, está quase todos os dias a tentar deixar claro que não faz parte do acordo, o que significa que pode agir por conta própria sempre que achar necessário, independentemente da política dos EUA sobre o assunto. Assim, a posição independente em relação à política dos EUA não é assim tão frequente e parece que a determinação não se vai alterar. O acordo é apelidado de ineficaz, mas ao mesmo tempo eles não disseram que as coisas vão aquecer rapidamente com cada declaração dura vinda de Jerusalém sobre o tema.

Portanto, temos uma posição de que o acordo não tem medidas fortes e descomprometidas caso o Irão não cumpra a sua obrigação no acordo, mas é óbvio que as medidas são agora criadas à margem dele. Neste caso, Israel não é assim tão contra a política dos EUA, mas está a tornar-se parte dela sem pôr a sua assinatura e sem a apoiar abertamente.

O jogo da negociação continua, muitos elementos são incluídos e já não há mais espaço para mudanças importantes. O Irão terá de decidir o que fazer muito em breve, porque a continuação das sanções e o congelamento dos seus fundos no exterior estão decididamente a prejudicar a economia do país. Os EUA poderão afirmar claramente que estão dispostos a fazer muito pela paz no Médio Oriente, mas, ao mesmo tempo, manterão Israel por perto como uma ameaça não escrita às ambições iranianas de se tornar "a" potência nuclear.

Uma coisa é muito clara: o Irão não obterá a bomba nuclear e o custo de o evitar não é uma questão de negociação. Os EUA não permitirão, porque mudaria o equilíbrio de poderes na região e Israel não está sozinho nessa afirmação de que está pronto para agir. Não há acordo que impeça a ação militar se o programa nuclear chegar perigosamente perto de produzir a bomba e se Teerão entender que, mais cedo ou mais tarde, o acordo será assinado. Esta é a realidade da situação atual e não vai mudar. E a realidade deve ser compreendida, não ignorada. A posição agressiva de Israel em relação ao Irão está a tornar-se uma vantagem para os EUA, como um exemplo claro do que acontecerá se o acordo não for assinado o mais rapidamente possível.

Assim, quer haja acordo quer não, não haverá bomba.

Uma coisa é muito clara: o Irão não obterá a bomba nuclear e o custo de o evitar não é uma questão de negociação. Os EUA não permitirão, porque mudaria o equilíbrio de poderes na região e Israel não está sozinho nessa afirmação de que está pronto para agir.

Investigador do ISCTE-IUL e antigo embaixador da Sérvia em Portugal.

Fernando Pimenta "Sem um ouro sou um ser incompleto"

ENTREVISTA Canoísta do Benfica mostra-se preocupado com a falta de apoios para o desporto em Portugal e a valorização dos atletas, que leva muitos talentos a desistir. Fala das seis medalhas conquistadas em 15 dias e da ambição de chegar ao ouro em Paris 2024.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

É o atleta mais medalhado do país. Tem 121 medalhas internacionais e ambiciona ser o português mais medalhado em Jogos Olímpicos. Tem uma prata e um bronze, mas quer o ouro em Paris 2024. Tudo começou com 11 anos, numas férias de verão, quando descobriu a canoagem.

Ganhou a primeira medalha internacional em 2005. *A Portuguesa* ainda é a música mais bonita de se ouvir ao fim de 17 anos?
Sem dúvida. Ainda agora no Europeu virei-me para os portugueses que lá estavam e disse: "Vocês vão estar aqui com sorriso de orelha a orelha e eu vou estar lá de pernas a tremer como se fosse a primeira vez." E foi. Nas modalidades coletivas ouve-se *A Portuguesa* no início dos jogos, mas na canoagem só ouvimos o hino se ganharmos, e isso dá-lhe mais emoção.

Ganha mais de 50% das provas em que participa. Quanto é que odeia ficar em segundo?
110%! Odiar não é bem o que sinto... é mais não me sentir completo. O segundo e o terceiro lugares não me completam. Eu sem um ouro sou um ser incompleto. Sinto que algo em mim falhou. Se calhar, o adversário foi melhor e mais forte, mas no meu pensamento eu é que errei ou não consegui dar o meu melhor. Por vezes, a diferença entre ser primeiro ou segundo é milimétrica, mas para mim é um amargozinho de boca ficar em segundo ou terceiro. Tenho um bom competir, além de um enorme respeito por quem compete comigo. Na canoagem temos primeiro uma amizade e depois uma rivalidade.

Já são 121 medalhas. Há algumas que já nem se deve lembrar onde as conquistou e quando...
Se pegar nelas, sei perfeitamente a história de cada uma e até dos colegas do pódio. As medalhas olímpicas são as mais importantes, assim como a primeira medalha internacional (2005), os quatro ouros mundiais... são medalhas que me fazem sentir bem.

Agora, em 15 dias, foram mais seis medalhas nos Mundiais e Europeus. Ter este desempenho num ano pós-Jogos Olímpicos, pós-pandemia e em plena paternidade é obra...
A alta competição puxa por mim. Estar em boa forma física e mental é a única forma. Há países onde os medalhados olímpicos fazem um ano sabático ou optam por competições não continentais para poderem fazer um *refresh* à sua saúde física e mental. Um atleta em Portugal tem dificuldade em fazer isso. Se quiser um ano mais *light*, vou ser alvo de críticas e colocado em causa, perder apoios, e isso obriga-nos a tentar estar no topo o maior tempo possível. Mas isso tem um preço e mais tarde ou mais cedo paga-se, com desgaste físico e mental.

"Vou competir até me sentir feliz e competitivo. Se for campeão olímpico em Paris 2024, não me vejo a dizer adeus. Muitos dirão para sair pela porta grande, mas essa porta já é minha há muito tempo."

E onde fica a chamada (e muito em voga) saúde mental?
É tentar não pensar muito nisso, para não aumentar o stresse emocional. Quanto mais eu pensar que vou estar longe da minha filha, no desgaste físico do treino, e que os adversários têm melhores condições... Não sou uma máquina, sou um ser humano, e tento criar uma bolha protetora e trabalhar o melhor possível. Desde 2021 que trabalho com uma psicóloga e tem sido uma grande ajuda e uma mais-valia em termos emocionais e psicológicos. Mas isso não é tudo. É preciso haver uma maior valorização do atleta, dos resultados, pensar na carreira e no pós-carreira. Pensar que há atletas que representam o país ao mais alto nível e que quando terminam a carreira passam dificuldades. É caso para questionar onde estão as pessoas que lhes deram condecorações e palmadinhas nas costas. É preciso criar condições para que isso nunca mais aconteça.

Não vive numa bolha...
Nunca. Cresci no campo, com os meus avós, e uma das coisas que marcou esses tempos foi a entreajuda entre pessoas na altura das colheitas. Na segunda-feira vai-se apanhar maçã para o Sr. António e na quinta estamos a ajudar o Sr. João na vindima. Todos na aldeia se revezam para que as colheitas sejam feitas. Claro que, como atleta, tenho momentos de pensar só em mim, estar focado e preparar-me para as competições, mas sou pessoa de ouvir, observar e tentar perceber a sociedade que me rodeia. Não gosto muito de falar disso, mas já há alguns anos que eu e a minha família oferecemos cabazes alimentares a famílias carenciadas no Natal, porque sabemos olhar para o lado e ver a realidade dos outros. Se outros setores fossem tão solidários como o desporto, teríamos uma sociedade melhor. A interação social é muito importante para mim, a falta de contacto com as pessoas foi o que mais me custou na pandemia. Uma das coisas que mais gosto é sentar-me na esplanada a falar com pessoas, conhecidos e desconhecidos. Só com uma boa troca de ideias podemos crescer como pessoas.

Um atleta português que ganha um ouro nos JO recebe 50 mil euros, em Espanha 110 mil e em Itália 180 mil...
É comparar o incomparável. E esses valores são para o ouro. E quantos ouros tivemos? E quem não ganha o ouro... Uma medalha nos JO é um feito quase inédito para a aposta que é feita no desporto, excluindo o

futebol. O meu colega húngaro, que foi campeão olímpico no ano passado, tem 24 anos e uma bolsa vitalícia de 1500 euros por mês. Temos de consciencializar os políticos e o sistema que desporto não é só futebol e é preciso apostar numa política desportiva forte que chame atletas para a competição. Saber que se dedicar e apostar as fichas todas no alto rendimento pode ter um futuro garantido. Estamos a menos de dois anos de Paris 2024 e os apoios para o novo ciclo olímpico ainda não foram aprovados. Isso diz muito.

Isso também se aplica à sociedade?
A sociedade precisa abandonar alguns preconceitos e estereótipos para com os desportistas. Quando entrei na universidade com o estatuto de atleta de alta-competição achavam que era um malandro do desporto que entrou por via de facilidades. Mas o malandro do desporto acordava às 6 horas para treinar, tomava o pequeno-almoço, ia para a universidade e no final do dia, em vez de ir viver, ia treinar outra vez. Isto dia após dia. Nem toda a gente é obrigada a gostar de canoagem, mas precisamos de ser mais patriotas e nacionalistas. Somos bons. Temos de nos valorizar. Temos excelentes atletas e é preciso que quem

IVAN DEL VAL/GLOBAL IMAGENS

"Se quiser um ano mais light, *vou ser alvo de críticas e colocado em causa, perder apoios, e isso obriga--nos a tentar estar no topo o maior tempo possível. Mas isso tem um preço e mais tarde ou mais cedo paga-se, com desgaste físico e mental."*

"Uma medalha nos JO é um feito quase inédito para a aposta que é feita no desporto, excluindo o futebol."

manda nos dê mais valor e não olhe apenas aos pódios. Eu tive seis medalhas em 15 dias, agora vou estar sem grandes competições durante algum tempo e vou cair num ciclo de esquecimento até me superar e conseguir nova medalha. E depois voltam a dizer "o Pimenta é o maior"... mas o Pimenta já ganha desde 2005.

É um dos cinco atletas com duas medalhas olímpicas em toda a história do desporto português. Sente que por ser canoísta não é tão valorizado como um atleta do judo ou do atletismo, por exemplo?

Um bocadinho. A canoagem não é fácil de ser praticada e ao ter menos praticantes tem menos visibilidade. Eu já podia ter três se não fosse aquela situação no Rio 2016 e seria o mais medalhado. Algo para que agora trabalho. É verdade que a canoagem tem menos visibilidade e menos apoios. As federações recebem por número de praticantes e, tendo menos federados, a canoagem recebe menos. Esta é uma política que, por si só, não serve os interesses de alta-competição. Se uma federação inscrever atletas a torto e a direito só para ter apoios... passamos a ter praticantes não praticantes. Tem de haver compensação por mérito e objetivos, e só assim seremos competitivos.

E como se cativam novos talentos? Com o Fernando Pimenta como exemplo?

Eu abdiquei de muito. Houve tempos em que ganhava zero, tirando dores musculares e dores de cabeça. Quando acabei a universidade, podia ter dito adeus e acabava-se o Fernando Pimenta. Não podemos deixar que talentos desistam do desporto por falta de apoios. Chega a um ponto em que competir pelo amor à camisola se torna frustrante e leva a abandonos e ao desinteresse dos mais jovens. É impossível ser atleta de alto nível e ter uma profissão paralela. Eu tenho uma ou duas tardes livres em sete dias, por exemplo. Os novos talentos precisam de estabilidade, e saber que podem atingir o patamar do Pimenta e ter de fazer contas ao final do mês pode levar a que desistam. O futuro das modalidades depende muito disso. Os pais e os clubes não podem ser o suporte financeiro da política desportiva. No meu caso, ter o Benfica é um suporte e uma estabilidade maior, que de certa forma me profissionaliza.

Aos 33 anos, que ambições ainda tem?

Muitas. A ambição de continuar a conquistar medalhas para que os portugueses, quando falarem de desporto, refiram a canoagem e o Fernando Pimenta. Ir buscar o ouro olímpico que me falta, depois do bronze (Tóquio 2020) e da prata partilhada com Emanuel Silva em Londres (2012). Tenho noção de que tenho adversários fortes e também querem...

... e têm 20 e tal anos...

Sim, mas a idade não me assusta. Posso chegar aos 40 anos e conseguir uma medalha olímpica. Em Tóquio vi colegas de 41 e 42 a conseguirem medalhas. A idade não é um entrave nem põe mais pressão.

O fim da carreira é algo que o atormenta? O corpo já fez alertas?

O corpo dá alertas a cada treino (risos). Não me atormenta nada. Ainda tenho muita coisa para fazer e conquistar antes do fim da carreira. Vai ser quando eu quiser. Quero é estar ao mais alto nível e ter consistência como atleta. Penso no pós--carreira, mas no sentido do que fazer a seguir – continuar ligado ao desporto e contribuir com algo para ajudar o desporto português.

E imagina-se a sair de cena depois de uma medalha ou só quando não conseguir entrar no caiaque?

Até me sentir feliz e competitivo. Para mim assim é que faz sentido. Se for campeão olímpico em Paris 2024, não me vejo a dizer adeus. Muitos dirão para sair pela porta grande, mas essa porta já é minha há muito tempo. O meu palmarés é superior a um mau resultado de final de carreira.

E se lhe pedir um desabafo do fundo do coração...

O que mais me magoa é a falta de apoios ao desporto. O sistema político precisa olhar para o desporto. Há países que diminuíram as despesas com a saúde ao apostar na prática desportiva. O estilo de vida ativo é melhor que a obesidade. Na semana passada ajudei uma pessoa no rio. Se eu não estivesse lá, podia ter-se afogado, e não era porque não soubesse nadar... é porque não tinha a condição física para enfrentar a correnteza. Se o desporto faz bem à saúde, porque é que o material desportivo tem um IVA equiparado a bens prejudiciais à saúde? Só para fazer receita? E porque é que essa verba não é canalizada para o desporto? Nos EUA há centros de alto rendimento financiados com parte do imposto gerado. Fica a ideia. Isso e rever a atribuição das bolsas de preparação. Não só o valor, mas a distribuição. São iguais para um campeão e para um atleta que fique até ao oitavo lugar nos JO. Se ganho o mesmo ficando em oitavo, para quê matar-me para ser primeiro? Ganho mais o prémio da medalha e...?

isaura.almeida@dn.pt

I LIGA

Amorim e o telefonema do Chelsea: "É igual à história do Ronaldo"

Rúben Amorim fez ontem o lançamento do jogo de hoje com o Portimonense (18h00, SportTV2) e foi questionado sobre uma alegada saída, considerando que é a repetição da "história do Cristiano Ronaldo". "O projeto em que eu estou é o projeto que eu quero. Tenho mais um ano e meio de contrato. O Chelsea apresentou um treinador para cinco anos, portanto é igual à história do Cristiano Ronaldo, que era jogador do Manchester United. Há o treinador do Chelsea, eu sou treinador do Sporting, sou muito feliz aqui, tenho um ano e meio de contrato, portanto não estou a pensar em mais nenhum projeto", respondeu.

O técnico leonino admitiu ainda rodar alguns jogadores diante dos algarvios, devido ao cansaço provocado pelo jogo a meio da semana com o Eintracht Frankfurt. "Se queremos vencer todos os jogos, independentemente do adversário e sabendo das diferenças entre as competições, temos de rodar a equipa. E o rodar a equipa é para vencer o Portimonense, não é para deixar jogadores para o próximo jogo", atirou. Além dos jogadores que "estão muito cansados", outros "estão a precisar de jogar e estão com a energia no máximo". Certa é a ausência de St. Juste, que se lesionou na partida da Champions de quarta-feira.

Roger Schmidt: "Perdemos dois jogadores por erro do árbitro"

O Benfica desloca-se hoje à tarde ao campo do Famalicão (15h30, SportTV1), num jogo onde Roger Schmidt não poderá contar com João Mário e Gonçalo Ramos, ambos a cumprirem castigo pelas expulsões diante do Vizela, na última jornada. Mas o técnico alemão, apesar das baixas importantes, promete um Benfica de qualidade. "Precisamos de todos os jogadores esta época. Temos começado quase sempre com o mesmo onze, o que é bom, pois significa que os jogadores estavam disponíveis. Agora perdemos dois jogadores por erro do árbitro. Mostraremos que temos um bom plantel, que outros jogadores podem substituir estes e aproveitar este momento para aparecerem. Espero que quem jogue traga a mesma *performance*", disse o germânico, embalado por 10 vitórias consecutivas. "Estamos bem, mas é importante não relaxar. Temos de trabalhar no duro em cada jogo. Se mantivermos esta atitude, espírito, diligência e motivação, podemos ser uma equipa que pode lutar por troféus", sublinhou. Schmidt disse ainda que a equipa está a jogar "um bom futebol, em que todos os jogadores têm conexão tática e mental e a mostrar espírito de grupo".

Sérgio Conceição: "Trabalhar em cima de derrotas nunca é bom"

Sérgio Conceição lançou ontem o jogo desta noite com o Desportivo de Chaves, no Dragão (20h30, SportTV1), pedindo à equipa que saiba reagir ao desaire a meio da semana com o Atlético Madrid, da Champions, que terminou com uma derrota no último lance do desafio, fruto de um golo de Griezmann já muito para lá da hora. "Digo sempre que trabalhar em cima de derrotas nunca é bom, não só pelo resultado mas pelo estado de espírito. Este é um bocadinho diferente do último, pós-Rio Ave [derrota dos dragões por 3-1]. Os jogadores sentiam que podíamos ir ganhar a casa do Atlético Madrid, e no fim sentimos que merecíamos esses três pontos. Trabalhar uma equipa revoltada, no bom sentido", referiu o técnico portista, que lamentou o pouco tempo de recuperação depois da partida da Liga dos Campeões e a ausência de Otávio, que vai parar um mês por lesão. "Estamos preparados com as diferentes soluções que temos no plantel, com praticamente toda a gente disponível, com exceção do Otávio e do Grujic, que não está a 100%. Os outros estão todos prontos para ir a jogo. Colocarei os 11 jogadores que estão melhor para ir a jogo e os cinco reforços que costumam dar uma resposta positiva durante o jogo para podermos ganhar", atirou.

Ana Mesquita
“Sei que é na música que o meu subconsciente divaga para produzir imagens”

ENTREVISTA A propósito do concerto que marca os 46 anos da carreira de João Gil, a 17 de setembro, no Coliseu dos Recreios, Ana Mesquita, sua companheira e parceira criativa, falou ao DN sobre o seu contributo artístico para o espetáculo.

TEXTO **FILIPE GIL**

Ana Mesquita e João Gil preparam o concerto do no Coliseu.

DIANA QUINTELA/ GLOBAL IMAGENS

Não é a primeira vez que trabalha em conjunto com o João Gil, seu marido. Quando começou esta “parceria”?

Tenho a sensação de que desde que vivemos juntos, há 16 anos, começámos a trabalhar um com o outro de um modo espontâneo. Partilhamos a mesma visão em relação aos processos criativos, sejam eles da escrita – que ambos praticámos –, ou de cinema, e que de algum modo acabámos por fazer com a obra *Viagem pelo Esquecimento* (agora patente na Bienal de Cerveira), ou da música, que eu ouço mais e o João tem a felicidade e o talento para compor.

Em 2016 criámos o espetáculo *Casados de Fresco*, no qual o João iniciou este processo de cantar as suas próprias canções, facto praticamente inédito, visto que até então tinha formado bandas com vocalistas e eram eles quem levava as canções ao público. Nesse ano fomos ambos para o palco, onde eu desenhava ao vivo, projetando em direto o que desenhava num *tablet*. Os desenhos criados no momento iniciavam-se com os primeiros acordes da canção e terminavam no último dedilhar. Fizemos sete espetáculos em Portugal continental e Madeira. Foi a minha descoberta sobre o impacto nas plateias das imagens em movimento. Diria que foi o embrião do trabalho cénico que agora iremos apresentar no Coliseu dos Recreios, dia 17 de setembro.

Foi a música do João que inspirou as imagens?

Preciso de música para pintar. Formei-me em Design e o mais atrás que me recordo de mim é a desenhar, sempre acompanhada por música – desde o tempo do rádio a pilhas, em Moçambique. Faço as minhas *playlists* no Spotify há muitos anos. Podem ouvir a que criei para a TSF em 2015 – está *online* –, perceberão de que modo sempre pintei ao som do fado de Amália (que tive o imenso privilégio de entrevistar para o *Expresso*, algures em 1995, na sua casa na Rua de São Bento). É nas metáforas das letras das canções que descubro motivos de interesse para me expressar plasticamente. E é também através das grandes canções que me mantenho ligada à poesia e ouço os novos e antigos poetas. Muitos dos grandes letristas atuais são os poetas do último século. Não é à toa que Bob Dylan mereceu o Nobel da Literatura. Chico Buarque devia recebê-lo também. Tudo para chegar ao João e à inacreditável facilidade com que trouxe os grandes poetas para a música popular portuguesa e como ele próprio sempre foi escrevendo letras. No caso do novo álbum, *46 JG 22*, as letras são inteiramente escritas por ele. Por fim, eu sou uma esponja da música que ouço, e, vivendo mergulhada nas letras das canções, sabendo-as quase sempre de cor, sei que é na música que o meu subconsciente divaga para produzir imagens.

São um casal de artistas em diferentes campos. Sente que cada um compreende bem aquilo que as obras do outro pretendem transmitir?

Sinto que nos influenciamos e inspiramos mutuamente. Também discutimos, no sentido em que dissecamos e aprofundamos a arte que procuramos assimilar. Viajamos para feiras de arte para ver exposições. Mas não nos intrometemos na arte um do outro. Naturalmente, o nosso senso comum artístico funciona em paralelo e acabamos por nos encontrar com agrado nos resultados finais.

Levo vantagem nos motivos de inspiração, porque o João tem 46 anos de produção artística intensa e profícua. O cancioneiro, o legado dele, toca nas rádios, nos supermercados, nos restaurantes! É uma espécie de omnipresença que me alegra a mim e a centenas de milhares de pessoas.

O meu percurso artístico, que também dá alegria a milhares de pessoas visto que tenho obras públicas nos concelhos de Cascais e Oeiras (murais), tem 10 anos e está agora a consolidar-se. O tipo de arte que crio, apesar de *pop*, é menos tangível a um público vasto. Vai devagar. Mas vai! E por vezes perdura mais na história.

Alguma das obras que propôs foi “vetada” pelo João?

Quando dizia que discutimos, no bom sentido, é porque procuramos diariamente a opinião um do outro. Não há vetos de parte a parte. Somos muito senhores dos nossos narizes. Talvez seja eu a mais deliberativa. Tendo a rejeitar facilmente o que me parece já visto ou ouvido. Deteto defeitos e erros com uma quase obsessiva acuidade. Vivo profissionalmente para descobrir o novo, para experimentar, fazer, errar, aprender e seguir fazendo de novo. O que mais me fascina no processo criativo é o “durante”, o testar de caminhos não percorridos, o risco, o convívio intelectual com aqueles de que me rodeio. Isso para um artista é que é viver.

> *“Os cenários para o Coliseu cantam e dançam com as canções. São uma alegoria das letras e das melodias.”*

Este projeto foca-se no tema da sustentabilidade ambiental. Esse é um tema que tem peso na obra?

A *Viagem pelo Esquecimento* aborda também a nossa pegada humana. O que fomos para o planeta, as mulheres, o amor, as cidades, os mares, os migrantes e os escravos. É uma obra de que muito nos orgulhamos, feita em estreita colaboração com o escritor moçambicano Mia Couto e um alargado grupo de músicos, fotógrafos e cineastas. Inaugurou no MAAT, em Lisboa, e está agora em Cerveira, como referi. Irá viajar um pouco por todo o mundo.

Qualquer artista sensível ao seu tempo compreende que está nas nossas mãos criar obras que alertem no sentido que não nos tornemos numa espécie autofágica. É por demais urgente desenvolver uma consciência ecológica nos mais pequenos gestos diários, que vão da separação do lixo à utilização consciente da água que temos o enorme privilégio que nos corra nas torneiras.

Seria ridículo, inglório, miserável mesmo se ao cabo de milénios de sobrevivência e de tamanha entreajuda para continuarmos cá, chegássemos a um ponto tal de evolução que nos desse para perder o juízo e nos extinguíssemos.

Os cenários para o Coliseu cantam e dançam com as canções. São uma alegoria das letras e das melodias. Não sendo ilustrativos, eles criam imaginários paralelos, fruto das minhas abstrações dos temas e das músicas. O que posso garantir a quem, no dia 17 de setembro, esteja na plateia do Coliseu dos Recreios é que sairá da sala com olhos regalados e a alma desperta.

Porquê a opção de ter imagens animadas durante o concerto?

Pintura em movimento. É a melhor designação que encontro para o trabalho que tenho realizado nos últimos quatro anos. Embora hoje se defina como videoarte. Trabalho com uma equipa de audiovisuais que tem sido uma feliz descoberta: a ADLC. Gente nova e aberta a experimentar todo o tipo de imagens e animações que desenvolvo. Alguns cenários são mais animados do que outros. É estarem lá para ver.

Que impressão espera causar no público durante o espetáculo musical com o seu trabalho?

A melhor! Sei que será surpreendente.

Uma pergunta para o João. O concerto marca os 46 anos de uma grande carreira. O que espera dos próximos 46?

João Gil: Espero ter saúde!

filipe.gil@dn.pt

Veneza consagrou Varejão e Brendan Fraser está na calha

FESTIVAL Ontem, na secção lateral da Mostra, Dias de Autores, o cinema português teve o prémio máximo para *Lobo e Cão*, escolhido por um júri comandado por Celine Sciamma. Cláudia Varejão contou ao DN a sua felicidade. Hoje é o dia do palmarés oficial e tudo e todos querem Brenda Fraser presente.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA,** EM VENEZA

"Não é um prémio que vale o que vale – vale o reconhecimento a uma comunidade bastante invisível, neste caso a população *queer* de todo o mundo, mas é também o reconhecimento a toda o território insular. Trata-se de um prémio para além do filme, é para toda a diversidade humana. Isso deixa-me muito feliz, é um prémio feliz", começou por contar ao DN Cláudia Varejão, realizadora portuguesa, momentos após ontem ter vencido o melhor filme pelo júri da secção Dias de Autor, onde o belo *Lobo e Cão* competiu, uma história sobre um grupo de jovens açorianos a tentar encontrar o seu lugar na ilha e no mundo.

A heroína da Giurnata degli Autore falou também de uma receção especial a um filme capaz de trazer sempre muitas e diversas ideias de cinema: "foi uma semana muito intensa e bela. Foi a primeira vez que partilhámos o filme e havia muitas ganas, sobretudo aqui em Veneza, palco com um público tão atento ao que se faz com o cinema pelo mundo fora. Tratou-se de um enorme privilégio e foi das receções mais emotivas que alguma vez tive. Por um lado, estavam presentes os protagonistas, os jovens *queers* da ilha de São Miguel, alguns deles a viajar pela primeira vez a um país europeu e a representar toda uma ilha e uma enorme comunidade. Isso foi muito forte!".

Lobo e Cão tem estreia em Portugal ainda este ano (deveria ser o mais cedo possível, isso sim seria um lançamento *punk!*) e vem com um prémio importante para o cinema nacional, logo depois de outro filme insular, *Super Natural*, de Jorge Jácome, ter vencido em Berlim a FIPRESCI (prémio da crítica) e da curta de João Gonzalez, *Ice Merchants*, o prémio principal em Cannes na secção Semana da Crítica. Cláudia Varejão, nesta metamorfose de amor, eleva o seu estatuto de cineasta vital do cinema nacional.

Um palmarés desejado

Na competição, hoje é dia de se desvendar o palmarés do júri encabeçado pela icónica Julianne Moore. Mais que previsões ou palpites, talvez mais conveniente acreditar num teorema de méritos. Por exemplo, Urso de Ouro porque não acreditar na justiça para Luca Guadagnino e o seu canibalesco *Bones and All*, *road-trip* pela *mid-America* através de dois corpos jovens? Um filme feito com um olhar *queer* e com Timothée Chalamet como musa absoluta. Entre a criação do sonho, o pesadelo irrompe com uma beleza que não pode ser qualificada nem quantificada em palavras. Este foi um dos muitos títulos desta mostra que fez questão de assumir um olhar transparente sobre a questão da identidade sexual, sendo *Monica*, de Andrea Pallaoro, belíssima surpresa, um verdadeiro filme-bandeira dessa atitude.

Todos querem Brendan Fraser, ator de *The Whale*, a festejar.

Para o Urso de Prata, neste palmarés *a la carte*, que tal pedir *Athena*, de Romain Gravas, distopia sobre uma guerra civil em França? Esta produção Netflix vai polarizar mas traz consigo um debate visceral sobre uma ferida aberta em França com as questões das desigualdades sociais e da repressão policial. Era uma bonita consagração para Gravas, filho de Costa-Gravas e cineasta desalinhado com o atual *status-quo* francês. Mas é de França que podia vir um outro gesto de gosto do júri: *Les Enfants des Autres*, de Rebecca Zlotowski como prémio do júri ou realização. Cinema melodramático a filmar uma mulher de corpo inteiro. Uma mulher que chega aos 40 e quer reinventar-se no amor – essa mulher é a luminosa Virginie Efira.

Depois, no argumento, duas hipóteses: ou a sagacidade de Santiago Mitre em *Argentina, 1985*, história do julgamento da junta militar da ditadura argentina ou *L'Immensità*, de Emanuele Crialese, drama íntimo sobre uma mãe e uma filha a tentarem sobreviver numa fachada familiar tóxica. No que toca a atores, Brendan Fraser em *The Whale* parece ser um prémio já com dono. O ator que já foi herói de *blockbusters* é a tristeza e a generosidade na pele de um homem a morrer de obesidade. Foi um dos estremecimentos do festival, tal como Cate Blanchett, em *Tár*, uma maestrina cujo poder lhe sobe à cabeça. Claro que Penélope Cruz em *L'Immensità* também é imensa, isto numa categoria em que a Taça Volpi também poderia ficar tão bem a desejadas como Tilda Swinton no duplo papel de *The Eternal Daughter*; Patricia Clarkson, secundária "principal" em *Monica* ou Virginie Efira em *Les Enfants des Autres*, embora seja pena *Não te Preocupes, Querida* estar fora de competição – Florence Pugh é um tornado!

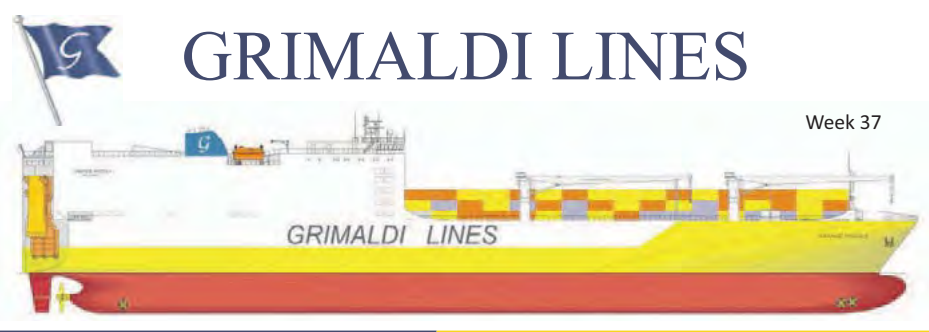
Mas se esses são os gostos do DN, a imprensa portuguesa no Lido dividiu-se: os jornalistas da Antena 1, Lara Marques Pereira e Tiago Alves davam o ouro ao Irão, com *Beyond The Wall*, de Vahid Jalilvand, enquanto José Vieira Mendes, do *Jornal de Letras* e da *Magazine HD* prefere *Argentina, 1985*, de Santiago Mitre. Jorge Leitão Ramos, do *Expresso*, vota antes em Martin McDonagh e na comédia irlandesa *Os Espíritos de Inesherin*.

dnot@dn.pt

Cláudia Varejão, ladeada dos atores açorianos que descobriu em *Lobo e Cão*.

avisos, tribunais e conservatórias

CONVOCATÓRIA

Nos termos da lei e dos estatutos, convoco todos os Sócios Efetivos do GRÊMIO LUSITANO para a realização de uma ASSEMBLEIA GERAL, a realizar na sua sede, sita na Rua do Grémio Lusitano, n.º 25, Lisboa, no próximo **dia 24 de setembro de 2022**, pelas **11.00 horas**, com a seguinte **ORDEM DE TRABALHOS**:

Ponto 1. – Eleição da Mesa da Assembleia Geral, para o triénio em curso 2021/2023.

Ponto 2. – Tomada de posse da Mesa da Assembleia Geral Eleita.

Não estando presentes à hora marcada mais de metade dos sócios com direito de voto, a ASSEMBLEIA GERAL funcionará às 11.30 horas, com o número de sócios que se encontrem presentes, nos termos legais.

Palácio do Grémio Lusitano, 8 de setembro de 2022

O Presidente do Conselho Diretivo
Pedro Farmhouse

GRIMALDI LINES

Week 37

West Africa Southern Express	Grande Africa GAF0722	Grande Brasile GBR0622
Antwerp	09/09	26/09
LeHavre		30/09
Leixoes	15/09	03/10
Lisbon		
Dakar	20/09	09/10
Lome	28/09	15/10
Luanda	03/10	19/10
Pointe Noire	06/10	22/10
Douala	09/10	25/10
Libreville	11/10	27/10

Euroaegean Northbound	Grande Detroit GDE0722	Grande Italia GIT0822
Livorno	12/09	18/09
Salerno	11/09	19/09
Sagunto	13/09	20/09
Setúbal	18/09	23/09
Portbury	21/09	26/09
Cork	22/09	27/09
Antwerp	26/09	30/09

Euroaegean Southbound (Euroshuttle)	Grande Spagna GSP0622	Grande Baltimora GBL0822
Antwerp	05/09	15/09
Portbury	09/09	18/09
Setúbal	13/09	21/09
Valencia	15/09	23/09
Livorno	17/09	25/09
Civitavecchia	18/09	27/09
Salerno	19/09	28/09

Grimaldi Portugal

info@grimaldi.pt | Lisboa: 213 216 300 - Leixões: 229 998 450 - Setúbal: 265 526 018

UNIÃO DAS FREGUESIAS DE ALCÁCER DO SAL (SANTA MARIA DO CASTELO E SANTIAGO) E SANTA SUSANA

Junta de Freguesia

Edital

ARLINDO JOSÉ PAULINO DE PASSOS, Presidente da Junta de Freguesia da União das Freguesias de Alcácer do Sal (Santa Maria do Castelo e Santiago) e Santa Susana, faz saber que vai proceder à exumação dos restos mortais dos cadáveres cujos nomes e datas de inumação abaixo se discriminam, sepultados no cemitério de Santa Catarina de Sítimos

Nome	N.º Talhão	N.º Sepultura	Data da Inumação
Argentina de Jesus António	4	1	21-06-2007
Alexandre Manuel Carretas	4	2	02-11-2007
Manuel Feliciano Butes	4	3	19-08-2008
Adelaide Bárbara Nunes	4	4	09-01-2009
Maria ldalisa Sousa dos Reis Mendes	4	5	22-03-2009
lida Carvalho dos Reis Mendes	4	6	05-06-2009
Silvino Manuel Molha	4	7	21-08-2009
Augusta Maria António Vieira	4	8	20-09-2009
Inácio Inocêncio Butes	4	9	12-10-2009
Maria Catarina Felicidade da Cruz	4	10	26-12-2009
Mariana dos Reis Batista	4	11	15-11-2011
Manuel Guerreiro Quintas	4	12	06-11-2011
José da Silva Roberto	4	13	29-01-2012
Bárbara de Jesus dos Reis Bernardo	4	14	03-04-2012
Antónia Bárbara Nunes	4	15	06-07-2012
Francelina Maria Cardoso Água Morna	3	4	30-06-2013
Margarida Custódia Barradas Venceslau	3	5	22-10-2013
Francisco António Raposo	3	6	22-10-2013
Rosa Feliciano Ferro	3	7	02-12-2013
Rosário Antunes Butes	3	8	24-06-2014

Até ao próximo dia 31 de outubro de 2022, poderão os interessados que assim o desejarem requerer à Junta de Freguesia a trasladação das ossadas e seu depósito nos ossários daquele cemitério ou noutro local próprio para tal fim nos termos da lei.
Não requerendo, as ossadas serão removidas para local apropriado.

Alcácer do Sal, 5 de setembro de 2022

O Presidente da Junta de Freguesia
Arlindo José Paulino de Passos

emprego

Australian Embassy in Portugal

CORPORATE SERVICES OFFICER AND DRIVER

WE ARE LOOKING FOR A MOTIVATED INDIVIDUAL TO JOIN THE AUSTRALIAN EMBASSY IN LISBON

The position will assist with administrative duties including property administration, fleet management, work health and safety and records management supporting the operation of the Australian Embassy in Lisbon.

The position will also perform driving duties for the Ambassador and embassy.

» Further details and to apply, visit:
https://www.amrislive.com/wizards_v2/ahc/vacancyView.php?&requirementId=641

OPORTUNIDADES EMPREGO

Vila do Conde - Lisboa - Algarve

ESTAMOS À PROCURA M/F

Motorista de pesados c/ carta C+E
Local: VILA DO CONDE

Técnico Comercial c/ experiência em climatização
Local: LISBOA

Técnico Comercial c/ experiência em climatização
Local: ALGARVE

Envie o seu CV
mkt@galecia.pt

IMPRESSOR DE SERIGRAFIA
(m/f)
☑ Com experiência
☑ Almada
e-mail: jobs@ynvisible.com

PUBLICIDADE

DN, 10/9/2022

Info Line
707 100 561
(chamada para a rede fixa nacional)

geral@avaliberica.pt
avaliberica.pt

AVALIBÉRICA
LEIRIA | LISBOA | V. N. DE GAIA | LOULÉ
COVILHÃ | FUNCHAL | PONTA DELGADA

Gestor Comercial:
Adelino Gonçalves - 917 566 351

(chamada para a rede móvel nacional)

LEILÃO ELETRÓNICO

Vila do Bispo Algarve

VISITAS - IMÓVEIS E BENS MÓVEIS
Por marcação prévia.

Notas: O presente anúncio não dispensa a consulta integral do regulamento de venda e informações complementares, disponíveis no site Avalibérica ou a entregar sempre que solicitado. A venda é efetuada nos termos do disposto no art. 834.º do CPC.

Golfe de Santo António - Sociedade Exploradora de Campos de Golfe, S. A.
Proc. nº 709/15.4T8OLH - Tribunal Judicial da Comarca de Faro - Juízo de Comércio de Olhão - Juiz 2

LEILÃO ELETRÓNICO

Início 20•JUL•22 [17h] | Fim 15•SET•22 [11h]
Podendo prolongar-se por períodos de 30"

EMPREENDIMENTO TURÍSTICO GOLFE DE SANTO ANTÓNIO

VILA DO BISPO - ALGARVE

Parque da Floresta - BUDENS - VILA DO BISPO | VERBAS de 1 a 3, 6 a 11 e Bens móveis - GPS: 37.080514, -8.836857 | VERBA 4 - GPS: 37.079010, -8.839032 | VERBA 5 - GPS: 37.077919, -8.836092

3/5 Avos de terrenos rústicos

Verba	Terreno
VERBA 1	Terreno: **5.560m²**
VERBA 2	Terreno: **11.280m²**
VERBA 3	Terreno: **840m²**
VERBA 4	Terreno: **7.480m²**
VERBA 5	Terreno: **4.640m²**
VERBA 6	Terreno: **10.200m²**

VALOR GLOBAL

7.000.000,00€

Prédios urbanos

Verba	Descrição	Área de construção	Terreno
VERBA 7	Parcela de terreno destinada a campo de golfe e construções de apoio		Terreno: **6.532m²**
VERBA 8	Terreno composto por campo de golfe		Terreno: **666.454m²**
Nota: VERBA 8 - Pendência da ação de processo comum n.º 612/12.0TBLGS - X, que corre termos no Juízo de Comércio de Olhão, do Tribunal Judicial da Comarca de Faro - Juiz 2, em que é Autora a Flitptrel 11 e a ré a Golfe de Santo António - Sociedade Exploradora de Campos de Golfe, S. A.			
VERBA 9	Edifício de cave e R/C	Área de construção: **619,10m²**	Terreno: **843m²**
Nota: VERBA 9 - Celebrado contrato de arrendamento, pelo período de um mês, com início a 01 de Maio de 2018, renovável automaticamente por iguais e sucessivos períodos, sendo o valor da renda mensal de 500€ ao qual acresce o valor variável de 12% +IVA sobre a comissão cobrada pela inquilina por venda de imóveis sitos nos empreendimentos imobiliários - Aldeamento e /ou Fases I, II e III do Loteamento Parque da Floresta , Quinta do Montinho, Quinta da Encosta Velha, Quinta da Fortaleza, Quinta da Aldeia, Apartamentos Turísticos "The View" que tenham sido promovidas ou intermediadas pela inquilina.			
VERBA 10	Edifício destinado a escritório	Área de construção: **702m²**	Terreno: **350m²**
VERBA 11	Garagem	Área de construção: **240m²**	Terreno: **141m²**

Máquinas e equipamentos de apoio à manutenção do campo de golfe

Marca nacional: "SANTO ANTÓNIO VILLAS, GOLF & SPA"

Licença de exploração turística do empreendimento denominado 'Apartamentos Turísticos The View, de 4 *', sito em Cargos, Salema, Vila do Bispo, composto por 55 unidades de alojamento, sendo 37 apartamentos de tipologia T2 e 18 apartamentos de tipologia T3, com um total de 256 camas fixas, processo n.º 20.1/9473 e alvará de utilização nº 70/2009, de 28/08/2009.

Notas: Venda do estabelecimento comercial pelo valor global de 7.000.000,00€. Isento do pagamento de IMT, IS e IVA.
O comprador está sujeito ao cumprimento da legislação laboral em vigor relativamente a trabalhadores do estabelecimento, nos termos do art. 285º do Código do Trabalho.

PUBLICIDADE

DN, 10/9/2022

Galtrailer - Indústria e Comércio, Lda.
Proc. n.º 1058/22.7T8STR - Tribunal Judicial da Comarca de Santarém - Juízo de Comércio - Juiz 3

RIO MAIOR

LOCAL LEILÃO: Zona Industrial da Quinta do Sanguinhal - RIO MAIOR | GPS: 39.316450, -8.914390

Máquinas e equipamentos para o fabrico de semi reboques basculantes e porta-máquinas | Posto de transformação | Robots de soldadura | Meios de movimentação e carga | Mobiliário de escritório e equipamento informático

VALOR

620.000,00€

Viaturas

Citroën C3 | Chevrolet Cruze | Mitsubishi Canter 3S13D | DAF FT 85380S 360

NOTA: **1.ª Fase de venda** - Venda pela universalidade dos bens móveis, pelo valor de 620.000,00€.
2.ª Fase de venda - Venda lote a lote, verba a verba ou outras possíveis.

PORQUE É DE *LEILÕES* QUE ESTAMOS A FALAR AVALIBERICA.PT

PALAVRAS CRUZADAS

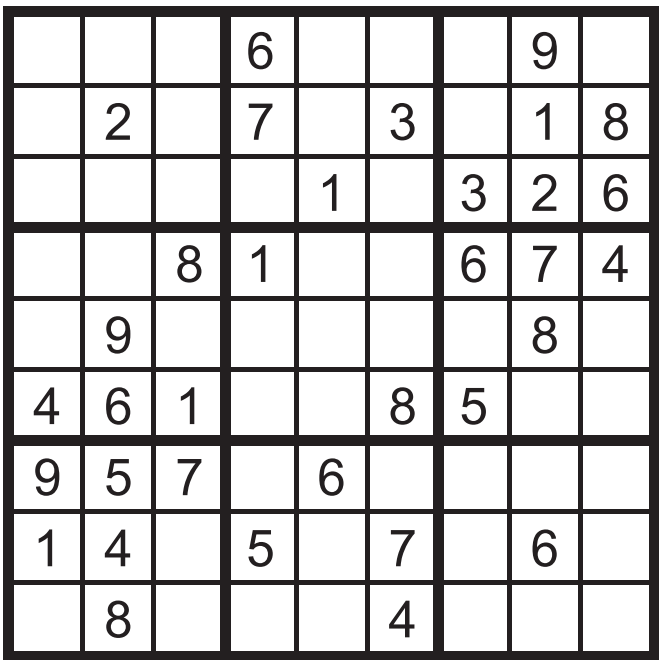
Horizontais:
1. Pequena argola com que se enfeitam os dedos. Arte de representar. 2. Nascido. Sofrer com paciência. 3. Inflamação do ouvido. Fragrância. 4. Autoridade legal sobre uma pessoa menor ou interdita. Confrontar. 5. Altar. Passa de fora para dentro. 6. Rádio (símbolo químico). Neste momento. Interjeição utilizada para chamar a atenção ou para cumprimentar. 7. Completa. Redução das formas linguísticas "de" e "um" numa só. 8. Dança e música populares. Apoio. 9. Casa térrea onde se guarda o vinho e outras provisões. Criador. 10. Corrida de embarcações. Corta rente. 11. Pousar na água (hidroavião). Verbal.

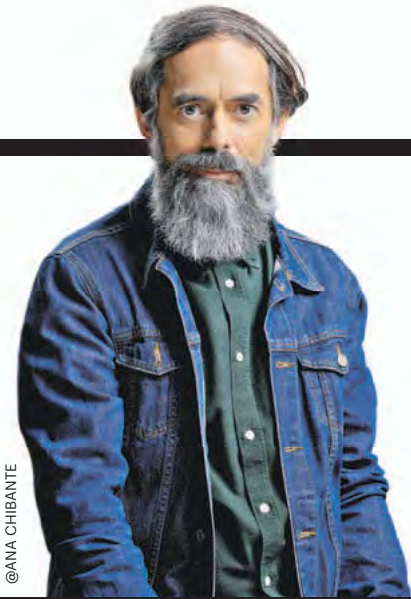
Verticais:
1. Tomar notas. Conjunto de porcos. 2. Natureza (poético). Igualmente. 3. Publica. Dobra feita num tecido. 4. Parte de um todo. Inundar. 5. Escolhe. O fruto da ateira (Brasil). 6. Tântalo (símbolo químico). Planta do tipo da família das anonáceas. Atmosfera. 7. Sétima letra do alfabeto grego. Enredo. 8. Crepúsculo matutino. Sem mistura. 9. Exército. Pôr data em. 10. Galho. É o segundo continente mais pequeno. 11. Rezar. Indecente.

SUDOKU

			6				9	
	2		7		3		1	8
				1		3	2	6
		8	1			6	7	4
	9						8	
4	6	1			8	5		
9	5	7		6				
1	4		5		7		6	
	8				4			

SOLUÇÕES

8	1	3	6	4	2	7	9	5
6	2	9	7	5	3	4	1	8
5	7	4	8	1	9	3	2	6
2	3	8	1	9	5	6	7	4
7	9	5	4	3	6	2	8	1
4	6	1	2	7	8	5	3	9
9	5	7	3	6	1	8	4	2
1	4	2	5	8	7	9	6	3
3	8	6	9	2	4	1	5	7

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Anel. Teatro. 2. Nado. Aturar. 3. Otite. Aroma. 4. Tutela. Opor. 5. Ara. Entra. 6. Ra. Agora. Ei. 7. Plena. Dum. 8. Vira. Amparo. 9. Adega. Autor. 10. Regata. Rapa. 11. Amarar. Oral.
Verticais:
1. Anotar. Vara. 2. Natura. Idem. 3. Edita. Prega. 4. Lote. Alagar. 5. Elege. Ata. 6. Ta. Anona. Ar. 7. Eta. Trama. 8. Aurora. Puro. 9. Tropa. Datar. 10. Ramo. Europa. 11. Orar. Imoral.

AGENDA 7 DIAS 7 PROPOSTAS

@ANA CHIBANTE

As escolhas de Moisés

Música Moisés nasceu e viveu a sua infância em Moçambique, o que marcou fortemente pelo seu fascínio pela música. Em 1987, o vocalista forma os Quinta do Bill, com êxito, e que até à data contam com oito discos editados. Em 2021 apresentou o seu primeiro trabalho a solo, *Moisés – Primeiro Solo*. Estas são as sugestões do músico para os próximos 7 dias, e não só.

DEPOIMENTOS RECOLHIDOS POR **FILIPE GIL**

1

COMER
Restaurante Nabão

DOMINGO, 11 DE SETEMBRO

Tomar, com toda a sua tradição gastronómica e de doçaria conventual, possui inúmeros restaurantes que merecem nota de destaque. É o caso do renovado Restaurante Nabão, com nova gerência e que possui uma esplanada com vista deslumbrante para o rio e para a parte velha da cidade. Tem como especialidades o peixe fresco do dia na brasa, o polvo à lagareiro, o bacalhau na brasa e as costeletas dos Açores, entre outras iguarias. O atendimento, esse, é com a melhor simpatia. A visitar.

2

OUVIR
Podcast Aqui entre nós

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE SETEMBRO

O Turismo de Portugal convidou-me recentemente para fazer um roteiro cultural pelo Médio Tejo, na região Centro de Portugal, onde me foquei na cidade de Tomar, berço da Quinta do Bill e que me acolheu aos 12 anos de idade. Tomar possui tantos lugares bonitos e interessantes para conhecer e vivenciar, com culturas que permanecem bem vivas e que merecem a vossa visita com uma viagem pelas inúmeras capelas e igrejas, destacando a sua acústica, assim como monumentos e museus. A ouvir.

3

RECORDAR
Arcade Fire

TERÇA-FEIRA, 13 DE SETEMBRO

Relembrar as canções fantásticas dos álbuns *Suburbs* e *Funeral* para apurar o coro para os grandes concertos de dias 22 e 23 de setembro no regresso ao Campo Pequeno dos grandes Arcade Fire.

Os canadianos Arcade Fire voltam ao Campo Pequeno onde tocaram em abril de 2018.

4

FESTIVAL
Teatro e música em Tomar

QUARTA-FEIRA, 14 DE SETEMBRO

Até 19 de novembro decorre o Festival Zero, em Tomar, peças de teatro e concertos de música espalhados pela cidade de Tomar.

5

ASSISTIR
Never Ending Summer, Albufeira

QUINTA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO

Uma ótima forma de terminar o verão é assistir ao concerto dos Quinta do Bill amanhã, 16 de setembro. No ano em que celebramos os 35 anos de carreira da banda, vamos atuar no primeiro dia do Festival Never Ending Summer. O concerto começa às 22h, na Marina de Albufeira, e garante muita diversão e muita cataplana. A entrada é livre.

6

TEATRO
Viriato

SEXTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO

É uma boa altura para adquirir bilhetes, antes que esgotem, para a peça *Viriato*, pelo histórico grupo de teatro Fatias de Cá, desta vez num espaço diferente, a Praça de Toiros de Tomar, no dia 24 de setembro. Segundo a sinopse: " Em 147 a. C. os romanos cercaram o que resta da hoste lusitana, mais um episódio de guerra que Roma trava para se apoderar da Península Ibérica. Mas os lusitanos elegeram um comandante que, durante sete anos, vai ser o pesadelo de Roma: Viriato." O grupo deixa o convite: "Já sabia que em setembro vamos fazer o *Viriato* num cenário completamente diferente? Venha ver (ou rever) a história do líder lusitano que fez o invasor romano cedo conhecer o sabor amargo da derrota." Autores: Carlos Carvalheiro e Filomena Oliveira, a partir de João Aguiar.

7

LER
Mia Couto

SÁBADO, 17 DE SETEMBRO

Chegou a hora de finalmente iniciar a leitura da obra de 2020 de um dos meus autores queridos, Mia Couto, mestre das palavras, dos sonhos e das texturas africanas e meu conterrâneo. Segundo a sinopse, "*O Mapeador de Ausências* é um romance de grande fôlego, cuja ação decorre no Moçambique pré e pós-independência. Dezenas de extraordinários personagens, tão ricos quanto diversos e complexos, e uma intriga que se vai desenrolando diante do leitor com tanto de rigor lógico quanto de inesperada surpresa, fazem deste romance uma das melhores obras do autor e um dos grandes livros do ano". Segundo Mia, o papel da arte e da literatura como "forma de contrariar a alienação dos problemas mundiais".

Diario de Noticias
Director — AUGUSTO DE CASTRO
Domingo, 10 de Setembro de 1922

A CAPITAL FEDERAL vai pôr escritos

A TRAVESSIA DO ATLANTICO
UM MONUMENTO AOS BRAVOS AVIADORES
Realizou-se ontem, em S. Martinho do Porto, a cerimonia solene do lançamento da primeira pedra

Um plano maquiavelico
A UNIÃO DA AUSTRIA Á ITALIA
preparada pelo chanceler Schanzer
não será tolerada pela França

A VIAGEM presidencial
AS FESTAS do Brasil

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 10 DE SETEMBRO DE 1922 PARA LER HOJE

SELEÇÃO DO ARQUIVO DN
POR **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

Um plano maquiavelico

A UNIÃO DA AUSTRIA Á ITALIA

preparada pelo chanceler Schanzer

não será tolerada pela França

A Austria tem fome, e o que ela quera é amparar-se, seja a quem fôr

SEIPEL
actual chanceler austriaco

PARIS, 4 de setembro.

Os fascistas vão, com efeito, governar a Italia. Num discurso pronunciado ha dias, o seu chefe enunciava claramente essas pretenções e intimava o governo de Roma a ceder-lhes o lugar, sem o que eles marchariam sobre a capital dos Cezares.

Aos fascistas não falta a audacia e ha já quem se disponha a reconhecer neles, no meio da confusão italiana, o unico partido que sabe o que quere.

Os primitivos sentimentos anti franceses dos fascistas, aos quais se devem atribuir as desagradaveis manifestações de Veneza contra um embaixador e um general francês, parece terem-se modificado. Disse-se mesmo que, por ocasião da recente conferencia de Londres, eles simpatizavam sem reservas com as propostas do sr. Poincaré. Em todo o caso, o que se pode ter como certo é que se os ardentes e aguerridos patriotas italianos arrancarem das mãos do sr. Schanzer a pasta dos Negocios Estrangeiros do seu país, os partidarios da amizade italo-francesa não terão de que se lamentar.

Com efeito, a atitude do sr. Schanzer não tem sido de molde a atrair para sua pessoa as simpatias francesas. Falando a respeito do chanceler italiano, no seu numero mais recente, a revista «La Vie» exprime-se assim: «E' um traidor: traidor consciente para com a «Entente»; traidor inconsciente para com a Italia; em Londres, esse mediocre revelou-se um trapalhão». Na realidade, a sua atitude junto dos representantes da Inglaterra e da França foi menos a dum conciliador que a dum «profiteur». O sr. Schanzer foi em Londres um pescador nas aguas turvas.

E' verdade que essa atitude lhe valeu, da parte do sr. Lloyd George, a aquiescencia a um plano de «socorro» à Austria, bem proprio, pela malicia, de um compatriota de Maquiavel? Será talvez cedo para o afirmar duma maneira terminante. Mas o certo é que, depois do regresso do sr. Schanzer a Roma, esse plano começa a revelar-se, embora ainda de uma maneira indecisa e obscura. Em Bolzano, o ministro italiano encontrou-se com o sr. Seipel, chanceler austriaco, cujos esforços para salvar o seu país são notorios e louvaveis. Que se passou entre os dois homens politicos? O sr. Seipel disse aos jornalistas que todo o seu empenho se resumia apenas em obter da Italia o pagamento de sessenta milhões de liras que o gabinete de Roma prometera á Austria. Mas ele proprio não desmentiu o fundamento de certos rumores que se relacionam com o vasto plano politico do sr. Schanzer.

Esse plano consiste, em suma, na união da Austria á Italia. Uma união aduaneira, para começar; mas uma união politica no fim de contas. A Italia sustenta com ardor a proibição da união da Austria á Alemanha, proibição prescrita nos tratados de paz, que aliás criaram uma Austria cuja independencia não é compativel com outra coisa que não seja a ruina e a miseria.

Por outro lado, a Italia mostra-se pouco favoravel á integração da antiga monarquia danubiana na «Petite Entente», cujo desenvolvimento receia, aliás com justa razão. Nessas condições, o projecto atribuido ao sr. Schanzer é mais do que plausivel, é mesmo logico.

Simplesmente ele não se funda num principio de justiça e tudo leva a crêr que encontrará em França uma oposição irredutivel. A Austria neste momento aceitaria a tutela italiana como aceitaria qualquer outra. Os austriacos debatem-se numa situação desesperada. O que eles querem é que os socorram, o que eles querem é que lhes dêem de comer. Seja quem fôr! Mas seria irrisorio ter feito uma guerra proclamando a liberdade das raças oprimidas para no fim ir fazer presente á Italia de alguns milhões de homens que com os italianos nada têm de comum.

Se não convem, com efeito, engrandecer o territorio alemão, permitindo a anexação da Austria a não ser talvez com vantajosas compensações, a unica solução que parece logica e aceitavel será a de entregar a pequena Republica á Sociedade das Nações, que nela poderia mesmo instalar em excelentes condições a sua séde. Seria uma forma de socorrer eficazmente os austriacos e de valorizar a dita Sociedade cujas forças são por enquanto assás precarias e que nem mesmo tem onde cair morta, como se costuma dizer.

SCHANZER
ministro dos Estrangeiros de Italia

Jorge GUERNER

A VIAGEM presidencial

A BORDO DO "PORTO"

A comemoração do centenario do Brasil — O discurso do Chefe do Estado

Bordo do vapor «Porto» (via S. Vicente). 7.—A sessão solene em homenagem ao Brasil foi presidida pelo Chefe de Estado, secretariando os srs. ministro dos Estrangeiros e Antonio Luís Gomes. Usaram da palavra os srs. Avelino de Almeida, em nome dos jornalistas portugueses; Jaime Cortesão, Correia Gomes e dr. Barbosa de Magalhães, saudando este ultimo o Brasil, na pessoa do jornalista fluminense sr. Abadie Rosa, que agradeceu. O dr. João de Barros leu uma bela ode ao Brasil.

O discurso do Chefe de Estado no banquete que precedeu a sessão foi uma peça oratoria admiravel, impossivel de reconstituir.

O sr. dr. Antonio José de Almeida começou por saudar o Brasil na pessoa do seu ilustre Chefe de Estado, lamentando vivamente não estar hoje no Rio de Janeiro para exprimir os sentimentos de amizade da nação portuguesa para com a republica irmã. Folgava, porém, de poder enviar ao Brasil a sua saudação do meio do Atlantico, que comparou ao Campo Santo onde se fazem tantos sacrificios ao serviço da Patria e que outras caravelas e naus sulcaram para unica gloria da raça. Teceu louvores ao povo brasileiro, que alevantadamente proclamou o seu direito de independencia.

Aludiu com palavras de carinho ás pessoas de representação da comitiva, alguns dos quais especializou como o ministro, os representantes do exercito e da marinha e os jornalistas brasileiros e portugueses, estes seus colegas ainda ha três anos e a cuja camaradagem regressará dentro de um ano. Terminou erguendo a sua taça pelo Brasil e pelo dr. Epitacio Pessoa, tocando a banda os hinos nacional e brasileiro.

A. P.

Sanatorio para sargentos

Tourada em Vila Franca

A comissão de sargentos da capital encarregada de promover festas realiza no dia 17 do corrente, na praça de Vila Franca, uma tourada em beneficio do Sanatorio para sargentos tuberculosos, para a construção do qual o «Diario de Noticias» abriu uma subscrição. Prestam o seu concurso varios amadores coadjuvados por artistas de grande merito, sendo os touros cedidos gratuitamente por varios lavradores e tendo o sr. Palha Blanco, além do seu valioso concurso, oferecido 200$00.

Os bilhetes encontram-se á venda em Vila Franca e em Lisboa na redacção do «Exercito».

UM TRAIDOR ESPANHOL

MADRID, 8.—Descobriu-se que um funcionario espanhol de Tetuão atraiçoava a Patria, dando informações aos mouros.

Receiam-se más consequencias.—(A.)

A TRAVESSIA DO ATLANTICO

UM MONUMENTO AOS BRAVOS AVIADORES

Realizou-se ontem, em S. Martinho do Porto, a cerimonia solene do lançamento da primeira pedra

O sr. bispo de Leiria, que de manhã celebrou missa solene, fez uma eloquente evocação dos feitos gloriosos da historia portuguesa

A' noite realizou-se um jantar de gala, a que se seguiu um vistoso fogo de artificio

Em cima — *A cerimonia do lançamento da primeira pedra*
Em baixo — *A procissão de S. Sebastião e Sant'Ana*

EUROMILHÕES SORTEIO: 072/2022 **CHAVE: 17-23-24-26-27 + 4-9**

M1LHÃO SORTEIO: 036/2022 **1.º PRÉMIO: RXQ 05203**

NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

DÉJÀ VU POR ANDRÉ CARRILHO

Mais 17.044 novos casos e 47 mortes numa semana

COVID-19 Índice de transmissibilidade ficou nos 0,99 na última semana. No mesmo período, foram internadas mais 431 pessoas.

Portugal registou 17.044 novos casos confirmados de covid-19 entre 30 de agosto e 5 de setembro, numa semana em que se registaram 47 mortes pela doença e 431 pessoas internadas, segundo dados oficiais divulgados ontem.

De acordo com o relatório de situação da Direção-Geral da Saúde (DGS), o total de novos casos na última semana representa uma quebra de 1158 face à semana anterior, colocando a incidência da doença em 166 por 100 mil habitantes, uma quebra de 6% no mesmo período. O índice de transmissibilidade da infeção [R(t)] situou-se na última semana em 0,99.

Quanto à ocupação hospitalar no território continental devido à covid-19, a 5 de setembro era de 431 camas, menos 39 do que na semana anterior, havendo 33 pessoas internadas em unidades de cuidados intensivos, menos três do que na semana precedente.

A DGS passou a divulgar às sextas-feiras os dados dos internamentos referentes à segunda-feira anterior à publicação do relatório.

DN/LUSA

"Não houve limpeza, nenhum jogador é lixo"

BENFICA Em entrevista à BTV, o presidente, Rui Costa, falou de Roger Schmidt, do mercado e deixou ainda uma palavra de apoio a Yaremchuk.

Na primeira grande entrevista da época, Rui Costa abriu o jogo acerca de algumas das opções tomadas no planeamento para a temporada de 2022/2023.

Acerca do treinador, o presidente do Benfica confessou que não percebeu "tanto alarido à volta de ser um estrangeiro", porque grande parte da história do clube "passou por treinadores estrangeiros". E garantiu ainda que o técnico alemão está satisfeito com o plantel: "Com a panóplia e sequência de jogos que temos, mais os três jogadores de fora, estamos com um número que satisfaz o treinador."

Também o mercado foi abordado, com Rui Costa a assumir que "a principal missão foi dar qualidade ao plantel". "Não houve limpeza, nenhum jogador do Benfica é lixo", disse. Ao mesmo tempo, os encarnados fizeram um encaixe significativo com a venda de Darwin para o Liverpool, que Rui Costa assume estar "mais do que justificada". "Uma venda de 75+25 milhões não tem grande discussão", justificou, assumindo que Enzo Fernández foi a contratação mais difícil. "Ninguém tem dúvidas por que insistimos tanto neste jogador. Meti as fichas todas nesta contratação", declarou.

Por fim, uma palavra para o ucraniano Yaremchuk, que deixou a Luz na reta final do mercado. "Nas primeiras semanas de guerra perdeu seis quilos. Ninguém faz a menor ideia do que passou na última época", afirmou. **RMG**

Conselho de Administração Marco Galinha (Presidente), Domingos de Andrade, Guilherme Pinheiro, António Saraiva, Helena Maria Ferreira dos Santos Ferro de Gouveia, José Pedro Soeiro, Kevin Ho e Phillippe Yip **Secretário-geral** Afonso Camões **Diretora** Rosália Amorim **Diretor-adjunto** Leonídio Paulo Ferreira **Subdiretora** Joana Petiz **Data Protection Officer** António Santos **Diretor de Tecnologias e Sistemas de Informação** David Marques **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 28 571 441,25 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção e Patrícia Lourenço **Direção Comercial** Frederico Almeida Dias e Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital social:** KNJ Global Holdings Limited – 35,25%, Páginas Civilizadas, Lda. – 29,75%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 24,5%, Grandes Notícias, Lda. - 10,5% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

5 605290 023026 56025